

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**  
**Escola superior de Educação Física**  
**Programa de pós-graduação em Educação Física**



Dissertação

**Construindo o corpo na “Medida Certa”?**

Discursos estratégicos de um dispositivo midiático televisivo

**Angélica Teixeira da Silva Leitzke**

Pelotas, 2016

**Angélica Teixeira da Silva Leitzke**

**Construindo o corpo na “Medida Certa”?**

Discursos estratégicos de um dispositivo midiático televisivo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação Física.

Orientador: Alan Goularte Knuth

Pelotas, 2016

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas  
Catalogação na Publicação

L533c Leitzke, Angélica Teixeira da Silva

Construindo o corpo na “medida certa”? : discursos estratégicos de um dispositivo midiático televisivo / Angélica Teixeira da Silva Leitzke ; Alan Goularte Knuth, orientadora. — Pelotas, 2016.

85 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas, 2016.

1. Corpo humano. 2. Mídia audiovisual. 3. Discursos. 4. Normalização. I. Knuth, Alan Goularte, orient. II. Título.

CDD : 796

Elaborada por Patrícia de Borba Pereira CRB: 10/1487

Angélica Teixeira da Silva Leitzke

**Construindo o corpo na “Medida Certa”?**

Discursos estratégicos de um dispositivo midiático televisivo

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 08/07/2016.

.....  
Prof. Dr Alan Goularte Knuth (orientador)

Doutor em Epidemiologia pela Universidade Federal de Pelotas - UFPel

.....  
Prof. Dr Luiz Carlos Rigo

Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

.....  
Prof. Dr<sup>a</sup> Raquel Pereira Quadrado

Doutora em Educação em Ciências: química da vida e saúde. pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG

.....  
Prof. Dr Pedro Rodrigues Curi Hallal (suplente)

Doutor em Epidemiologia pela Universidade Federal de Pelotas - UFPel

**A Deus, a todos os meus Professores e  
Mestres, aos futuros estudantes e a mim  
mesma.**

## **Agradecimentos**

Ao terminar este trabalho acadêmico agradeço à oportunidade de aprender, de conviver com profissionais de alto gabarito, com colegas surpreendentes e de poder aprofundar minhas leituras e conhecimentos acerca de novas temáticas as quais me encantaram.

Agradeço a presença amorosa de meu marido e a ajuda dos amigos. Principalmente sou grata a Deus e ao Universo pela força que consegui extrair nos momentos mais difíceis, os quais foram muitos. Que este estudo possa contribuir e fortalecer de alguma forma a área na qual se insere.

*"Fique nu... mas seja magro, bonito, bronzado!" (Michel Foucault)*

## Resumo

LEITZKE, Angélica Teixeira da Silva. **Construindo o corpo na “Medida Certa”?** Discursos estratégicos de um dispositivo midiático televisivo. 2016. 78 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2016.

**Resumo:** Ao tratarmos das questões de corpo é indispensável considerá-las para muito além do biológico. O corpo é passível de influências históricas, culturais, sociais, políticas e tecnológicas, portanto é muito mais que um aglomerado de órgãos, mas é também suas roupas, acessórios, tecnologias acopladas, modos de ser e agir. O corpo também se modifica a partir de intrincadas relações que se dão por meio da produção de significados, ou seja, a partir das representações, onde se tem a construção de conceitos e preconceitos, saberes e identidades diversas, assim como de corpos com características diversas. Significados acerca do corpo são construídos, veiculados, afirmados e reafirmados por meio de inúmeros processos e instâncias educativas as quais nos interpelam, pelo que é exibido e pelo que é ocultado. Percebe-se que atualmente dentre estas várias instâncias educativas, a mídia destaca-se enquanto decisiva. A partir de seus artefatos culturais, por meio de seus dispositivos pedagógicos, na mídia o corpo é produzido, controlado, falado, representado e normalizado. Pesquisa de cunho qualitativo, com caráter descritivo-explicativo e coleta de dados a partir de fonte documental, este estudo tem por objetivo analisar os discursos midiáticos do quadro televisivo “Medida Certa” em sua primeira edição e formato, discutindo os possíveis mecanismos de normalização referentes ao corpo ali presentes. Analisam-se os discursos dos 12 episódios da primeira temporada do quadro, bem como o livro resultante desta, a partir dos pressupostos destacados por Fischer (2012), com base nos elementos de análise de discurso na perspectiva foucaultiana. Percebem-se as estratégias de linguagem midiática e a presença de mecanismos normalizadores referentes ao corpo, com certo caráter prescritivo relacionado ao discurso científico biológico, vinculado a parâmetros de saúde, caracterizando-se assim o quadro “Medida Certa” enquanto promotor de influência na conduta humana.

**Palavras-chave:** corpo humano; mídia audiovisual; discursos; normalização

## ABSTRACT

LEITZKE, Angélica Teixeira da Silva. **Constructing body at the “Right Measure”?** Strategic discourses from a television media device. 2016. 78 f. Master thesis (Masters in Physical Education) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2016.

**Abstract:** As we approach issues related to body, it is crucial to consider them beyond the biological aspect. A body is liable to historical, cultural, social, political and technological influences, so it is not only a cluster of organs, but also its clothes, accessories, plugged-in technologies and ways of being and reacting. Bodies also go through changes because of the intricate exchanges in meaning production, that is, because of the representations in which judgments and prejudgments, as well as various and diverse identities, knowledges and bodies are constructed. Meanings of what body is are constructed, delivered, affirmed and reaffirmed by a number of processes and pedagogical stances which appeal to us in what is shown and in what is hidden. One can note that nowadays, from these many pedagogical stances, the media are seen as decisive. Through their cultural artifacts and their pedagogical devices, on the media bodies are produced, controlled, represented and normalized. As a qualitative research with descriptive and explanatory purposes and data collection from a documentary source, this study aims at analyzing the media discourses on the TV show "Medida Certa" (Right Measure) in its first edition, discussing the possible normalization mechanisms regarding body on the program. The discourses from the 12 first season episodes, as well as from the book which followed, are analyzed. This is done based on the premises highlighted by Fischer (2012) about the elements in Discourse Analysis from a foucauldian perspective. Realize the strategies of media language and the presence of standard-setting mechanisms for the body, with some prescriptive related to biological scientific discourse, linked to health parameters and characterizing the box " Medida Certa " as promoter of influence on behavior human.

**Keywords:** human body, audiovisual media, discourses, normalization.

## RESUMEN

LEITZKE, Angélica Teixeira da Silva. **¿Construyendo el cuerpo “a la medida?”** Discursos estratégicos de un dispositivo mediático televisivo. 2016. 78f. Disertación (Máster en Educación Física) – Programa de Posgrado en Educación Física, Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2016.

**Resumen:** Cuando tratamos cuestiones relacionadas al cuerpo es indispensable considerarlas más allá de lo biológico. El cuerpo es susceptible a influencias históricas, culturales, sociales, políticas y tecnológicas; por lo tanto, es mucho más que un aglomerado de órganos, es también sus ropas, accesorios, tecnologías acopladas, modo de ser y actuar. El cuerpo también se modifica a partir de intrincadas relaciones que se dan por medio de la producción de significados, es decir, a partir de las representaciones, en las cuales se origina la construcción de conceptos y prejuicios, saberes e identidades distintas, al igual que cuerpos con características diversas. Significados acerca del cuerpo son construidos, vehiculados, afirmados, reafirmados por medio de inúmeros procesos e instancias educativas las cuales nos interpelan, por lo que se exhibe y por lo que se oculta. Se observa que, actualmente, entre las varias instancias educativas, la media se destaca como decisiva. A partir de sus artefactos culturales, por medio de sus dispositivos pedagógicos, el cuerpo es producido en la media, controlado, hablado, representado y normalizado. Investigación de cuño cualitativo, con carácter descriptivo explicativo y recolección de datos a partir de fuente documental, este estudio tiene por objetivo analizar los discursos mediáticos de la primera edición y formato de la sección “Medida certa” del programa televisivo brasileño “Fantástico”, discutiendo los posibles mecanismos de normalización referentes al cuerpo allí presentes. Se analizan los discursos de los 12 primeros episodios de la primera temporada del programa, así como el libro que de esta resulta, a partir de los presupuestos destacados por Fischer (2012), sobre las bases de los elementos del análisis de discurso en la perspectiva foucaultiana. Darse cuenta de las estrategias de lenguaje de los medios de comunicación y la presencia de mecanismos de establecimiento de normas para el cuerpo, algunos de ellos relacionados con prescriptivo a discurso biológico científico, ligado a los parámetros de salud y caracterizar el cuadro de " Medida Certa ", como promotor de la influencia en el comportamiento humano.

**Palabras-clave:** cuerpo humano; media audiovisual; discursos; normalización.

## SUMÁRIO

<b>1 APRESENTAÇÃO</b> .....	10
<b>2 PROJETO DE PESQUISA</b> .....	11
1 Introdução.....	15
1.1 Objetivos.....	17
1.2 Metodologia.....	18
1.3 Justificativa.....	22
2 Relações entre corpo, saúde e beleza: influências políticas, sociais e históricas.....	26
3 Da linguagem midiática e da construção de modos de ser na cultura.....	40
4 Caracterização do Objeto.....	47
Referências.....	52
<b>3 ARTIGO</b> .....	56
<b>4 CONCLUSÃO</b> .....	73
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	74

# 1 APRESENTAÇÃO

Muitas são as questões de relevância e influência ao pensarmos sobre a construção dos corpos na contemporaneidade. No entanto, a que mais nos chama atenção e subsidia esta pesquisa são as questões relativas às influências culturais na produção do corpo. Ao considerarmos o corpo enquanto um construto sócio-histórico, entendemos que este se molda e se modifica a partir de múltiplas influências, que determinam modos de ser e agir, influenciando desta forma as maneiras como o corpo é percebido, construído, sentido, divulgado, vendido.

Ainda que a cultura opere sobre o corpo, esta relação não é linear ou definitiva:

A produção do corpo se opera, simultaneamente, no coletivo e no individual. Nem a cultura é um ente abstrato a nos governar nem somos meros receptáculos a sucumbir às diferentes ações que sobre nós se operam. Reagimos a elas, aceitamos, resistimos, negociamos, transgredimos tanto porque a cultura é um campo político como o corpo, ele próprio é uma unidade biopolítica. (GOELLNER, 2013, p. 31)

Enquanto unidade biopolítica, o corpo é alvo de uma série de investimentos os quais tem como intuito garantir sua utilização plena e dócil, sua disciplinarização e a nível populacional, garantir uma regulamentação e condução de sua conduta, investimentos estes forjados a partir de relações de poder.

Neste sentido a mídia em geral tem posição de destaque. Ao ensinar modos de ser e estar aos indivíduos na contemporaneidade, a mídia executa complexos processos que objetivam, dentre outras coisas, conformar sujeitos a determinadas padrões e relações de poder. Em destaque a TV e seu aparato linguístico, que

[...] tem se apresentado como uma instância da cultura que deseja oferecer mais do que informação, lazer e entretenimento. [Promovendo] campanhas que operam com significados que as qualificam acima do bem e do mal, como se nada nelas fosse passível de crítica e, por isso mesmo, interpelam tão eficazmente a população, assim convocada a atos de generosidade, mostrados por si mesmos como “positivos”. (FISCHER, 2013, p. 21) (grifos do autor)

A TV interpela-nos, convidando-nos a nos posicionarmos acerca de nosso corpo, a partir de estratégias linguísticas variadas, das quais muitas destas vinculam-se a uma ênfase com o cuidado com a saúde.

Estas são, em linhas gerais, as diretrizes sob as quais este trabalho acadêmico baseia-se para compreender e analisar os discursos transmitidos e veiculados pelo quadro televisivo “Medida Certa”, exibido pelo “Fantástico” na Rede Globo de Televisão, nos períodos entre 2011 a 2015.

Após esta breve apresentação, segue a produção textual propriamente dita, dividida em Projeto de Pesquisa – onde há o detalhamento metodológico, a revisão de literatura e a caracterização geral do quadro – e o Artigo Científico – com a análise do quadro a partir dos pressupostos teórico-metodológicos – redigido e formatado a partir das normas da Revista Movimento, periódico científico da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

## **2 PROJETO DE PESQUISA**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**  
**Escola superior de Educação Física**  
**Programa de pós-graduação em Educação Física**



Projeto

**Construindo o corpo na “Medida Certa”:**  
Discursos e estratégias na produção midiática do Quadro televisivo  
“Medida Certa”

**Angélica Teixeira da Silva Leitzke**

Pelotas, 2015

**Angélica Teixeira da Silva Leitzke**

**Construindo o corpo na “Medida Certa”:**

Discursos e estratégias na produção midiática do Quadro televisivo  
“Medida Certa”

Projeto apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação Física.

Orientador: Alan Goularte Knuth

Pelotas, 2015

**Banca examinadora:**

Dr. Alan Goularte Knuth (orientador)  
Universidade Federal de Rio Grande/ FURG

Dr. Luiz Carlos Rigo  
Escola superior de Educação Física/ UFPel

Dr<sup>a</sup> Raquel Pereira Quadrado  
Universidade Federal de Rio Grande/ FURG

Dr. Pedro Rodrigues Curi Hallal (suplente)  
Escola superior de Educação Física/ UFPel

## 1 Introdução

Como pensar o corpo para além de suas carnes? É este corpo algo além disso? Quais relações o influenciam, o modificam, o concretizam ou o constroem? O que se diz do corpo – ou sobre o corpo – o influenciaria? De que maneira discursos sobre saúde e beleza situam-se nesta cadeia de influências? Estas são algumas das muitas indagações as quais levam aos estudos acerca do corpo, indagações que ainda intrigam, convidando a estranhá-lo e a olhá-lo de forma diferenciada.

Compreende-se e assume-se inicialmente que o corpo está para além das questões meramente biológicas naturalizadas em nossa sociedade. O corpo é histórico; é cultural. Para Goellner (2013, p. 31):

Um corpo não é apenas um corpo. É o seu entorno. Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nem se exibem, a educação de seu gestos...

O corpo como é visto, percebido, sentido e falado, se molda e se modifica na construção de significados e representações culturais e sociais<sup>1</sup>, igualmente mutáveis, passíveis de múltiplas influências: históricas, regionais, temporais, econômicas, dentre outras. Estes significados e representações acerca do corpo são construídos, veiculados, afirmados e reafirmados por meio de inúmeros processos e instâncias educativas as quais nos interpelam a todos, através de saberes que se exprimem não apenas pelo que é exibido, mas também pelo que é ocultado. Este processo constitui-se de maneira tão sutil que pouco se percebe – ou se compreende – seus mecanismos de captura e produção. (GOELLNER, 2013).

---

<sup>1</sup> Cabe aqui colocar em linhas gerais o que se entende por representação e quais suas relações com a cultura e, por conseguinte, com a produção cultural do corpo. Compreende-se o conceito de representação da mesma maneira que Fischer, a partir dos Estudos Culturais. Representação, em linhas gerais refere-se ao meio de produção de significados através da linguagem. Para tratar do tema, a autora recorre a Hall traduzindo representações como “[...] as práticas culturais de produção de significados, aos modos pelos quais determinados grupos aprendem a conferir significado aos objetos, pessoas e acontecimentos, a toda uma dinâmica que ocorre em circuito (o que o autor chama de circuito de cultura).” (FISCHER, 2013, p. 81-82). As representações são produzidas cotidianamente em várias instâncias, sob múltiplas influências, como as regulações sociais e as relações de poder presentes. A partir das representações tem-se a construção de conceitos e preconceitos, de saberes tais como o senso comum, bem como a construção de identidades diversas.

Desde instâncias educativas formais, como a Escola, passando por instâncias educativas de caráter não formal, como a família, instituições religiosas, o trabalho, chegando à mídia e seus dispositivos pedagógicos<sup>2</sup> nos seus variados formatos: programas de TV, livros, filmes, revistas, outdoors, propagandas, bem como a internet, com seus bolgs, vlogs, sites de entretenimento, e redes sociais.

Em todas estas instâncias o corpo é produzido, controlado, falado, representado, descortinado, dissecado, subjetivado, normalizado à medida que também resiste neste jogo de relações de poder: “Aqui, toma-se a noção de corpo como meio de significação, ou seja, ele é um corpo cultural, passível de modificação.” (ARAUJO; LEORATTO, 2013, p. 718).

Saberes acerca do corpo, veiculados através dos mais variados discursos, nas mais variadas instâncias educativas, estão permeados por relações de poder e intencionalidades. Assim, estes saberes disseminados constituem-se enquanto agentes produtores do próprio corpo de que falam e para o qual falam; não só descrevem, mas também produzem os corpos.

O próprio corpo não pode ser desconsiderado enquanto igualmente produtor de discursos. Para Araújo e Leoratto (2013), enquanto suporte de nossa identidade, o corpo é nossa personificação no mundo e é por ele que podemos estabelecer relações com o meio e com o outro em inúmeras esferas. Nessa linha, o corpo transmite, ele próprio, inúmeras mensagens produzindo efeitos de sentido enquanto meio de expressão, articulando significados: “Como linguagem socioculturalmente construída, o corpo enuncia e presentifica valores.” (ARAUJO; LEORATTO, 2013, p. 718).

Ao se traçar um breve apanhado histórico acerca da construção dos padrões de corpo, percebe-se que a relação entre o corpo e seu entorno, a cultura e a sociedade, torna-se ainda mais complexa na contemporaneidade. A crescente

---

<sup>2</sup>A ideia de dispositivo pedagógico midiático é aqui utilizada para caracterizar os crescentes investimentos midiáticos sobre os sujeitos, veiculando saberes e traçando formas de subjetivação pautadas em relações de poder (FISCHER, 2012). Este é um conceito que vincula-se aos Estudos Foucaultianos. O dispositivo pedagógico da mídia é descrito, por tanto, “[...] como um aparato discursivo (já que nele se produzem saberes, discursos) e ao mesmo tempo não discursivo (uma vez que está em jogo nesse aparato uma complexa trama de práticas, de produzir, veicular e consumir TV, rádio, revistas, jornais, numa determinada sociedade e num certo cenário social e político), a partir do qual haveria uma incitação ao discurso sobre “si mesmo”, à revelação permanente de si; tais práticas vêm acompanhadas de uma produção e veiculação de saberes sobre os próprios sujeitos e seus modos confessados e aprendidos de ser e estar na cultura em que vivem.” (FISCHER, 2002, p. 155).

influência dos discursos midiáticos, imbricados por questões políticas, mercadológicas, científicas, morais, éticas e estéticas, corrobora com a idealização de imagens de corpos magros, jovens e aparentemente felizes e saudáveis. Produzem-se assim investimentos sobre os corpos ao passo que se produzem também representações de saúde e beleza.

Na contemporaneidade dentre os vários investimentos sobre o corpo, destaca-se um em específico para maior análise: o quadro televisivo “Medida Certa”, exibido pelo programa “Fantástico” da TV Globo, nos períodos entre 2011 a 2015.

O quadro televisivo configurou-se enquanto um Reality Show onde seus participantes foram submetidos a um programa de treinamento físico e mudanças alimentares com o objetivo de “reprogramar” o corpo em 12 semanas. Esta proposta de “reprogramação” do corpo é apresentada tendo como intuito “[...] emagrecer, afinar a silhueta e turbinar o pique em noventa dias.” (CAMARGO; CERIBELLI; ATALLA, 2011, p. 270). Saberes acerca do corpo, baseados principalmente no campo científico de saber, foram divulgados e/ou produzidos, buscando enquadrar os corpos dos participantes – e dos telespectadores – na “medida certa”.

Neste cenário, formulam-se então os objetivos desta pesquisa.

## 1.1 Objetivos

Discutir os possíveis mecanismos de normalização referentes ao corpo, à saúde e a beleza presentes nos discursos do quadro televisivo “Medida Certa”.

### a) *Objetivos específicos:*

- Caracterizar, de maneira geral, o quadro televisivo “Medida Certa” e o livro “Medida Certa: Como chegamos lá!”;
- Analisar os episódios do quadro televisivo referentes à 1ª temporada bem como o livro “Medida Certa: Como chegamos lá!”;
- Destacar as possíveis imbricações entre corpo, saúde e beleza presentes nos discursos do quadro televisivo e no livro resultante do mesmo;

## 1.2 Metodologia

Serão analisados os discursos das gravações referentes à primeira temporada do quadro televisivo “Medida Certa”, veiculado aos domingos no canal Globo de televisão, em rede aberta, no ano de 2011, nos meses de abril a junho em 12 episódios. Também será utilizado enquanto objeto para coleta de dados o livro “Medida Certa: Como chegamos lá”, resultado da experiência vivida pelos participantes da primeira temporada do quadro. Para fins de suporte da análise, poderão ser considerados os dados contidos no blog da primeira temporada do quadro televisivo, trazendo maiores subsídios à pesquisa.

Os capítulos do quadro serão assistidos por meio eletrônico através do site de mídias audiovisuais YouTube, em pelo menos três momentos: um primeiro momento de aproximação com o objeto para sua caracterização; um segundo momento para identificação do quadro a partir do Roteiro de Análise e ainda um terceiro momento para transcrições e observações mais aprofundadas do quadro para análise.

Predominantemente de cunho qualitativo – não ficando excluída qualquer possível utilização de meios quantitativos para o tratamento e discussão dos dados coletados – considera-se esta pesquisa enquanto de caráter descritivo-explicativo, de acordo com os pressupostos observados por Gil (2008), de descrição das características do objeto, utilização de técnica padronizada de coleta de dados, estabelecimento de relações entre os dados coletados e o contexto histórico, político, social e cultural, bem como discussão destas reações existentes, na tentativa de identificar fatores determinantes para sua construção.

A coleta dados se constituirá a partir de fonte documental qual seja as gravações da primeira temporada do quadro televisivo “Medida Certa” e o livro “Medida Certa: Como chegamos lá!” constituindo-se enquanto coleta documental de meio audiovisual e meio impresso. Para fins de esclarecimento, considera-se a pesquisa documental enquanto um método de pesquisa que “[...] recorre a materiais que ainda não receberam tratamento analítico, ou seja, as fontes primárias.” (Silva; Almeida; Guindani, 2009, p. 6). Neste caso, os documentos são registros do que

episódios gravados e transmitidos em rede nacional pela Rede Globo de Televisão e o livro redigido pelos participantes do *reality show*.

Os dados coletados serão analisados a partir da proposta de Fischer (2013) de roteiro para análise de produtos televisivos, discutindo-se possíveis correlações entre os discursos veiculados pelo quadro televisivo com a criação/difusão de ideais de corpo, beleza e saúde contemporâneos, percebendo suas estratégias de linguagem midiática, levando em conta as técnicas de normalização contemporâneas cada vez mais aprimoradas para a captura do ser na curva normal.

Em seu roteiro para análise de produtos televisivos, Fischer (2013) trabalha com uma seção de inquéritos os quais o pesquisador pode valer-se para elucidar o objeto pesquisado. A seguir sistematiza-se o quadro de Roteiro de Análise, baseado na proposta da autora:

### Roteiro de Análise

<b>Que tipo de programa é esse?</b>	Gênero, cunho e tipo do programa analisado. Relação do público com o tipo de programa, os limites entre a realidade e a ficção e suas características específicas.
<b>Quais os objetivos deste artefato?</b>	“Quem este programa pensa que você é e quem ele quer que você seja?” Estratégias de veiculação, a quem se endereça; objetivos em relação ao público alvo. Emissora, horário e periodicidade do programa.
<b>Qual a estrutura básica do programa?</b>	Tempo total do programa e duração de cada parte; modos de construir cada parte do programa; recursos de linguagem em cada seguimento; linearidade de composição do programa (introdução, desenvolvimento e conclusão).
<b>De que trata esse programa?</b>	Qual a temática tratada no programa; quem são as vozes autorizadas e de que lugar social e/ou individual falam; porque os participantes daquele programa estão ali.

<p><b>Com que linguagens se faz este produto?</b></p>	<p>Distribuição do texto em relação às imagens; sonorização do programa; utilização dos espaços. Considerar o produto dentro do conjunto da programação de uma emissora e dentro do conjunto de toda oferta. Espaços para fazer a comunicação; encadeamento das sequencias de imagens; ritmo do programa, velocidade das imagens; planos e panoramas com enfoque.</p>
<p><b>Que relações fazer entre esse artefato da mídia e outros problemas, teorias, ou temáticas e interesse para a educação?</b></p>	<p>Ao que remete o programa assistido; como relacionar seu conteúdo transmitido ao telespectador com o trato pedagógico escolar; de quais discursos/representações sociais trata; teorias as quais se relaciona.</p>

Quadro 1. Proposta de Roteiro de Análise de produtos televisivos (FISCHER, 2013).

O que se pretende analisar é o discurso midiático, que faz agir suas engrenagens produtivas a partir da linguagem, ao se apropriar de significações e representações sociais historicamente construídas. A mídia se utiliza de sua abrangência para criar e recriar novas formas de se compreender o mundo e a si mesmo. A linguagem midiática abrange textos, imagens, sons, cenografias, figurinos, cortes, edições, trazendo inúmeras interpelações ao ser e produzindo efeitos sobre este.

Interessa, por tanto, uma leitura que possa dar conta da multiplicidade de formas de produzir sujeitos na cultura, neste caso observando aquelas relativas às mídias e em especial a TV, que se constroem a partir de inúmeras técnicas de exposição dos sujeitos, veiculadas com a ênfase das técnicas televisivas.

Para tanto, é necessário “[...] trabalhar arduamente com o próprio discurso, deixando-o aparecer na complexidade que lhe é peculiar.” (FISCHER, 2012, p. 74). Isso significa dizer que não há mistérios escondidos por trás dos enunciados, ou mesmo verdades subentendidas. Há, porém, um “algo mais” que é necessário colocar à luz, sendo preciso, por tanto, fazer aparecer aquilo que faz com que determinados enunciados surjam e sejam disseminados.

Para reconhecer este “algo mais” outra questão indispensável é reconhecer a quem a TV fala, pois uma das características dessa linguagem é justamente a busca incessantemente que o outro a quem se dirige se reconheça em sua produção. É o que se chama Endereçamento: “[...] uma interpelação do sujeito, uma mobilização desse outro em direção ao que lhe desejamos dizer.” (FISCHER, 2013, p. 31).

Desta maneira entendemos os discursos como “[...] o conjunto de enunciados de um determinado campo de saber, os quais sempre existem como prática.” (FISCHER, 2013, p. 77). Ao se trabalhar com tais pressupostos, é preciso ter clareza que o discurso enquanto prática social não se limita apenas a um conjunto de signos, pois além de ser constituído no interior de nossas práticas, o discurso também as constitui.

O discurso enquanto prática enunciativa é permeado por relações de poder às quais dá visibilidade e diferentes sentidos na medida em que descreve os objetos:

Afirmamos que discurso é prática justamente por isso: porque os discursos não só nos constituem, nos subjetivam, nos dizem “o que dizer”, como são alterados em função de práticas sociais muito concretas. Tudo isso envolve, primordialmente, relações de poder. (FISCHER, 2013, p. 78)

Ao pensar sobre quais conjuntos de enunciados compõe os discursos é imprescindível compreender que os próprios discursos possuem uma temporalidade, um contexto de produção/veiculação de saberes – ou campos de saberes – intrinsecamente relacionado com relações de poder as quais lhes perpassam e constituem. Carregam em si marcas destes processos os quais igualmente interpelam aos sujeitos. (FISCHER, 2012).

É necessário, pois, uma atenta observação dos enunciados no sentido de compreender suas referências – sobre o quê trata –, seu endereçamento, ou representação social – de quem, ou para quem fala –, seus campos associativos – ao que se relacionam ou em que campos de saberes se baseiam – e sua materialidade específica – onde se repetem/reproduzem e de que forma é disseminado –, observando também o enunciador, destacando qual o seu lugar, de onde fala bem como de que maneira se dá sua inserção no campo de saber que representa. (FISCHER, 2012).

### 1.3 Justificativa

A relevância deste estudo encontra-se na especificidade do tema, que, num olhar mais abrangente, trata dos atuais mecanismos de normalização vinculados aos discursos midiáticos, que adquirem crescente influência na contemporaneidade, dado o grande alcance dos seus dispositivos pedagógicos.

É interessante perceber estes mecanismos a partir de uma análise sistemática dos discursos veiculados pelo “Medida Certa” haja vista a aparentemente grande representatividade social e abrangência do quadro televisivo. Estes discursos corroboram, possivelmente, com a produção de corpos “normalizados” a partir das concepções contemporâneas de saúde e/ou beleza.

No que se refere à relevância da temática do corpo e suas várias imbricações, esta se encontra frequentemente presente no rol de problemáticas dentre os objetos de estudo da Educação Física, adentrando seus vários campos de intervenção, perpassando suas áreas de conhecimento e atuação. Para Lüdorf (2005, p. 244):

Independente da frente de trabalho, um dos atores mais reconhecidamente envolvidos com as demandas sócio-corporais contemporâneas e, obviamente, com a educação corporal, ainda que nas mais diferentes perspectivas, é o professor/profissional de Educação Física. (LÜDORF, 2005, p. 244).

O objeto de análise desta pesquisa não escapa à lógica. Sendo proposto e coordenado pelo professor de Educação Física – ou como por vezes denominado no quadro televisivo, preparador físico – Marcio Atalla, o “Medida Certa” foi e ainda é veículo de difusão/produção de saberes acerca do corpo, mobilizando de alguma maneira os sujeitos a se posicionarem acerca de seu corpo, sua silhueta, seu peso e sua saúde.

Outro estudo acerca do quadro televisivo tem como referência a temporada “Medida Certa - O Fenômeno”, procura explorar as estratégias discursivas que operam sobre o protagonista da temporada, o ex-jogador Ronaldo, que intentam retirá-lo da faixa de peso considerada excessiva trazendo-o novamente a “boa

forma” (MONTEIRO, 2012). Bezerra (2013) percebe também o papel da mídia enquanto instituição educativa, visualizando o “Medida Certa” enquanto um espaço de discussão das questões sobre educação em saúde. Bortolazzo e Machado (2014) em pesquisa mais recente analisam as formas de produção de “verdades” no “Medida Certa”, sobre o corpo e a saúde a partir da fala de “especialistas” estimulando os sujeitos a adotarem um “estilo de vida saudável” ao passo que os responsabiliza pelos cuidados com a própria saúde.

Para esta pesquisa serão analisados os episódios referentes à primeira temporada do quadro televisivo, bem como as falas contidas no livro resultante da experiência vivida pelos participantes desta temporada. Esta escolha baseia-se na perspectiva de que, além de ter sido precursora, esta temporada parece destacar-se tendo maior abrangência. Alguns indícios desta abrangência são expressos pela grande mobilização vista nas ações derivadas da primeira temporada do quadro. As “Caminhadas Medida Certa”, segundo conteúdo disponível no blog do programa, movimentaram “54 mil em 11 capitais do país” e o “Medidinha Certa”, teria reunido cerca de 50 mil pessoas, entre pais e crianças que compareceram às atividades gratuitas oferecidas em várias cidades pelo país.

Há de se considerar também os altos índices de audiência do quadro televisivo, expressos em sites de entretenimento, principalmente em sua primeira temporada<sup>3</sup>, a grande aceitação e comercialização do livro “Medida Certa: Como chegamos lá!”<sup>4</sup>, bem como o grande consumo do aplicativo para *smartphones* desenvolvido e oferecido durante a primeira temporada, relançado posteriormente no ano de 2015.

Estudos anteriores acerca do quadro televisivo “Medida Certa” apontam esta representatividade, demonstrando a presença de suas influências em vários

---

<sup>3</sup> Sobre os índices de audiência da primeira temporada do quadro televisivo: “Se tem uma coisa que não emagreceu nos últimos dois meses foram os índices de audiência do “Fantástico”. Com a entrada do “Medida Certa” no ar, o ponteiro subiu dois pontos (cada ponto representa 58 mil domicílios na Grande São Paulo). Isso ocorre desde a estreia, em 3 de abril, quando, durante os 13 minutos em que foi exibido, o quadro fez os índices subirem de 23 para 25 pontos. No último domingo, dia 29 de maio, a prévia do “Fantástico” foi de 21,5 pontos. O quadro marcou 23. É um caso clássico de menos é mais.”. Ver: <<http://gente.ig.com.br/antes-e-depois-na-balanca-com-zeca-camargo/n1596990097293.html>>. Sites de entretenimento destacam que, gradualmente, a audiência do “Medida Certa” tem caído, principalmente devido ao ganho de peso por parte de alguns participantes do quadro, chegando a ser divulgado até mesmo o cancelamento da atração. Ver: <<http://entretenimento.r7.com/blogs/keila-jimenez/2015/08/06/famosos-voltam-a-engordar-e-globo-desiste-do-medida-certa/>>.

<sup>4</sup> Décimo livro mais vendido nas livrarias de Curitiba na primeira semana de 2012 na categoria “não ficção”. Ver: <[http://www.apoiocomunicacao.com.br/visualizar/registro.php?id=2880&page\\_name=noticia&index=>](http://www.apoiocomunicacao.com.br/visualizar/registro.php?id=2880&page_name=noticia&index=>)>.

âmbitos sociais, inclusive políticas públicas: “Diversas escolas, secretarias de saúde de municípios, e de estados instituíram programas tendo o “Medida Certa” como o seu principal referencial instrumental de divulgação.” (KNUTH; RIGO, 2013, p. 136).

Acerca da relevância dos estudos midiáticos, compreende-se haver complexos e bem estruturados sistemas de captura dos sujeitos ligados a tais dispositivos, haja vista a crescente abrangência da mídia, que arrebatava cada dia mais telespectadores através de sua teia de influências bem como de seu poder (con)formativo sobre os sujeitos: “[...] a televisão se torna para nós um lugar de credibilidade, talvez porque instituições tradicionais, como a própria escola, estejam perdendo força como lugar de identificação e até de acolhida das pessoas.” (FISCHER, 2013, p. 97)

A relação entre a mídia e a produção/veiculação de ideais de corpo é igualmente crescente, fazendo emergir uma urgente necessidade de se compreender como se dão tais mecanismos: “[...] ao tomar a TV como objeto de estudo, um dos temas imprescindíveis é justamente o da normalização de nossos corpos e mentes [...]” (FISCHER, 2013, p. 48).

Ademais, a produção midiática trabalha de forma a trazer elementos de identificação com os sujeitos e sua cultura, acolhendo a todos os grupos, cada um em seu espaço, especificamente desenvolvido para “acomodar” suas necessidades.

Assim, os estudos midiáticos proporcionam elementos para compreendermos nossa cultura e sociedade, os sujeitos que a compõem e seus modos de ser na contemporaneidade:

*Mergulhar nesse universo das diferentes formas e estratégias de produção, veiculação e recepção de artefatos culturais é participar de uma investigação permanente sobre nós mesmos, nossa cultura, as relações de poder em nossa sociedade, os modos de construir sujeitos e de interpelar indivíduos e grupos sociais. (FISCHER, 2013, p. 99) (grifos do autor).*

Compreende-se, por tanto, ser necessário desenvolver-se novos olhares acerca do corpo, da mídia e da educação, percebendo suas várias correlações na contemporaneidade. Para a Academia – no sentido universitário da palavra – enquanto instância formal de Educação, perceber tais relações, esmiuçá-las, desnaturalizá-las, estranhá-las, discuti-las, é imperante, afinal, “Desmanchar” os materiais televisivos, através de um trabalho pedagógico sério e criativo, significa

operar sobre a mídia e a publicidade, dois dos setores que mais crescem na sociedade contemporânea [...]” (FISCHER, 2013, p. 31) (grifos do autor).

Encarar o corpo para além de suas carnes, visualizar seus processos de construção, as imbricações tidas nestes processos, às relações de poder que os permeiam, suas proximidades com as atuais concepções de beleza e saúde, bem como destas com nossa cultura e sociedade, deve ser objeto de grande interesse da Educação Física enquanto área de conhecimento, sendo o estudo dos discursos midiático um dos possíveis caminhos para a abordagem desta temática pela área nos mais variados âmbitos onde atualmente se insere.

## 2 Relações entre corpo, saúde e beleza: influências políticas, sociais e históricas

Enquanto categoria estética<sup>5</sup>, beleza nada mais é que uma percepção histórica. Esteve e ainda está vinculada a diferentes perspectivas relacionadas a percepções transcendentais, a perfeição, a simetria das formas, a harmonia, e a sensação de prazer proporcionada pelo ato de contemplação, perspectivas estas atreladas a um conceito clássico, com raízes na cultura greco-romana antiga (VÁZQUEZ, 1999). A partir de Platão, passando por Santo Agostinho, São Tomás de Aquino, Kant e Hegel, o belo tem sido percebido, descrito e discutido.

Araújo e Leoratto (2013) afirmam que na história da humanidade, o ser humano, em determinados períodos ou ainda de acordo com sua cultura, sempre acabou por privilegiar determinados padrões de beleza tomados enquanto ideais. Não há, porém, um belo ideal atemporal. Enquanto percepção histórica, não há como atribuir ao belo uma essência imutável que possa ser percebida através da contemplação das configurações concretas de qualquer objeto estético. “Certamente, o belo não existe por si mesmo à margem de sua relação com o homem, mas sim em determinadas condições históricas, sociais e culturais.” (VÁZQUEZ, 1999, p. 203).

Quando o corpo humano é tomado enquanto objeto estético, torna-se ainda mais evidente este caráter histórico de percepção. Se a robustez, as formas arredondadas da carne e sua maciez figuraram enquanto características de destaque do corpo belo, em sua configuração concreta, idealizado em outros tempos de nossa existência, o que figura na atualidade nos parece uma verdadeira inversão no que tange os atuais padrões estéticos de beleza, baseados em corpos com baixos índices de gordura, fortes, lisos, os famosos “corpos sarados” (LOVISOLO, 2006).

---

<sup>5</sup> Estética segundo Vázquez (1999, p. 160) é ela própria uma categoria maior, “[...] mais geral, aquela que permite prender em suas redes a multiformidade de certa realidade específica ou de certo comportamento do homem com ela, e que permite captar, por sua vez, o que há de comum ou afim entre diferentes categorias estéticas particulares [...]” a qual engloba diferentes percepções contemplativas como a beleza, a feiura, o grotesco, o horrível, o sinistro, a ironia, a tragédia, o cômico, o sublime, dentre outras, todas tidas igualmente enquanto categorias estéticas.

Se por um lado houve tempos em que a contemplação e exposição da carne eram condenadas, ou ainda a sua manipulação através de investimentos sobre o interno era inimaginável, atualmente “Nas sociedades modernas, pode-se caracterizar a beleza corporal como sendo um fato social, pois há, notoriamente, uma busca coletiva por um corpo belo, embora haja diferentes construções desse corpo, em diversas sociedades e grupos sociais.” (ARAUJO; LEORATTO, 2013, p. 720).

Vive-se um momento histórico onde um sem número de intervenções e investimentos sobre o corpo são realizados, em prol de uma beleza ideal, exposta diariamente, vinculada primordialmente aos contornos da carne, relacionada a uma promessa de saúde, juventude e felicidade: “[...] a transformação do embelezamento em *gênero de primeira necessidade* marcou profundamente o século XX.” (SANT’ANNA, 2014, p.16) (grifos do autor).

No entanto é importante perceber que tal olhar voltado para a estética corporal e o cuidado com as formas não tem seu início em momento recente. O processo de culto ao corpo presenciado hoje, ressalvadas as diferenças e especificidades históricas e culturais, parece iniciar-se pelo menos desde meados do século XVIII, quando o corpo passa a figurar com maior importância na teia de relações estabelecidas entre os indivíduos, ficando sua imagem ligada a aspectos morais. (GOELLNER, 2013).

A busca humana pela saúde é igualmente histórica. Desde tempos imemoriais o homem estuda os males aos quais são acometidos, busca variadas formas de aumentar sua qualidade de vida e/ou bem estar, bem como busca também o controle normalização de índices de natalidade, longevidade, dentre outros relativos a sua saúde. Neste processo, por vezes, a estética corporal e a saúde vincularam-se intrinsecamente.

Relações entre corpo, saúde e beleza constroem-se então de maneira complexa, a partir de inúmeros processos históricos, sociais e políticos dos quais trataremos a seguir.

## 2.1 Da corporificação da carne cristã aos mecanismos normalizadores do corpo

Notas do nascimento de uma concepção de corpo físico, constituído por músculos, ossos e vísceras, um corpo concreto, observável e analisável; parecem ser formuladas a partir do Renascimento, com o ascendente desenvolvimento das ciências fisiológicas e da anatomia nos séculos XV e XVI (SENNETT, 2005). Anterior a isso, no decorrer da Idade Média, o corpo figurava enquanto morada da alma, local onde se concretizavam os pecados da carne, que deveriam ser expurgados para glorificação e salvação.

Estes dualismos – da carne/alma para o corpo/mente – são ressignificados quando, da carne cristã, passa-se à percepção de corpo enquanto matéria, principalmente com as formulações filosóficas de Descartes e o conceito de *res extensa*, no século XVII. Parece ser este um marco significativo para a constituição do corpo enquanto objeto científico (SANTOLIN, 2013).

Este processo de corporificação da carne cristã, porém, não se dá de forma linear. Os pecados da carne, em destaque a gula e a luxúria, são ainda no século XVII sinônimos de uma intemperança, prejudicial ao indivíduo e por tanto condenados. O discurso moralizador trabalha sobre os corpos, sendo gradualmente apropriado ou legitimado pelos saberes científicos emergentes. A diferença agora é que

Apos a renovação do dualismo cristão em termos científicos, por Descartes [...] e as mudanças na prática de si relacionadas à carne/corpo – do modelo da lepra [exílio] para o da peste [vigilância] – tem-se a possibilidade de emergência de um poder novo, diferente do poder pastoral na condução das almas ao paraíso. Quando a carne crista deixa de ser rejeitada e silenciada e passa a ser problematizada de outra forma – através do exame, da vigilância, do controle e da mensuração – tem-se a emergência de uma nova tecnologia de poder exercida sobre a carne, que, agora, pode ser chamada de corpo. Enquanto a justificativa para o exercício do poder pastoral sobre as almas era teológica, o exercício de poder sobre o corpo é justificado terapeuticamente. (SANTOLIN, 2013, p.119).

Novos saberes instituem novas formas de se pensar, representar e tratar o corpo, fazendo emergir um novo poder a partir de processos de investimento sobre o

corpo e sua saúde. Dá-se, inicialmente uma acomodação de mecanismos disciplinares sobre o corpo individual, o homem-corpo, que é operado a partir de sua separação, alinhamento, classificação e vigilância. Instaura-se uma anátomo-política do corpo humano (FOUCAULT, 1999; 2008).

Esta anátomo-política que institui-se sobre o corpo individual pretende discipliná-lo para sua utilidade plena e docilidade, manipulando-o a minúcia: “Encontraríamos facilmente sinais dessa grande atenção dedicada então ao corpo – ao corpo que se manipula, se modela, se treina, que obedece, responde, se torna hábil, cujas forças se multiplicam” (FOUCAULT, 2007, p. 117).

Importa saber que é a partir desta noção de corpo manipulável que a anatomia enquanto ciência do corte se sobressai, no processo de construção de uma cartografia o corpo. Os estudos científicos corroboram com a emergência de uma cultura visual, um predomínio do olhar ou das aparências (SOARES, 2008). A redescoberta da beleza da proporcionalidade e da simetria das formas, ocorrida já desde o contexto renascentista, corrobora para uma nova percepção estética do corpo em relação a sua antropometria, numa crescente valorização da aparência e condenação das práticas que potencialmente ocasionassem deformidades. Firmam-se notas de uma representação do corpo enquanto objeto estético.

Na ausência de uma perspectiva ampla, baseada em estudos demográficos, os discursos médicos e o trabalho sobre o corpo permaneciam alicerçados basicamente na ética e na moral, sendo a doença sinal de descontentamento divino ou pecado. Estas relações entre doença e pecado mostram-se ainda devido aos fortes resquícios advindos da realidade vivida na Idade Média europeia, de grande influência religiosa nas instituições hospitalares, que no período de modelo de exílio, eram tidas “[...] não como um lugar de cura, mas de abrigo e de conforto para os doentes.” (SCLIAR, 2007, p 33).

A forte vinculação entre doença/pecado perdurou ao menos até meados do século XVII – talvez ainda se possam observar resquícios na atualidade. Outro pertinente exemplo dá-se pela condenação da glotonaria, o ato de comer em demasiado – o antigo pecado da gula. Aos corpos disformes pelo excesso de comida fica implícita uma responsabilidade vinculada à intemperança e a imoralidade. Para Santolin “[...] delineia-se uma proto culpabilização do sujeito por sua doença [...]” (2013, p. 65). ou uma “[...] proto patologização da feiura.” (2013, p. 81).

Estas são por tanto as bases para a construção de um discurso patologizante cientificizado que posteriormente se quantificará, camuflando qualquer caráter valorativo a partir de normas e medidas biologicamente consideradas ideais para a manutenção de um corpo saudável, trazendo índices de normalidade às médias antropométricas – como o índice de massa corpórea – embasados na retórica da estatística populacional e nos conceitos de risco e de expectativa de vida. A este passo “Todas as características e medidas da matéria, na física, já tinham sido extrapoladas para os sujeitos, que passaram a ter corpos.” (SANTOLIN, 2013, p. 59).

Voltando aos novos investimentos sobre este corpo, são elaboradas técnicas para educá-lo a partir de “[...] uma política das coerções, que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos.” (FOUCAULT, 2007, p. 119). Essa anátomo-política do corpo é terreno fértil para o desenvolvimento das práticas de exercícios ginásticos, mais tarde denominadas em seu conjunto enquanto Movimento Ginástico Europeu, no século XVIII (SOARES, 2002).

Embasado em uma ideologia cientificista, o Movimento Ginástico Europeu trazia descrições detalhadas de exercícios específicos para garantir a retidão e a rigidez das carnes, bem como garantir também a disciplina, e o desenvolvimento de noções adequadas de tempo, de gasto de energia e de cultivo da saúde: “E estas são as metas de um poder que, desde o século XVIII, vem construindo uma nova mentalidade científica, prática e pragmática, baseada na ciência e na técnica como formas específicas de saber.” (SOARES, 2002, p. 18).

Em meados do século XVIII, vê-se emergir um poder classificado diferenciadamente, que não exclui, mas abrange o poder disciplinar. Um poder que centra a governamentalidade do Estado no homem-espécie e que Foucault (1999) denominou enquanto biopolítica.

Com a estatização do biológico, tornando a preocupação política voltada aos problemas da massa social, o Estado passará a ocupar-se com investimentos sobre o corpo, traçando previsões e estimativas estatísticas, produzindo saberes sobre o homem-espécie e exercendo o biopoder a partir de mecanismos reguladores ou ainda como por vezes definido por Foucault (2008) mecanismos de previdência.

Neste contexto o desenvolvimento da noção de estatística<sup>6</sup> é decisivo. Segundo Scliar (2007), métodos numéricos para o estudo da sociedade e seus parâmetros relativos à saúde já eram utilizados pelo menos desde o século XVII. No entanto sua influência política passa a ser decisiva ao Estado em meados do século XVIII, com o surgimento da biopolítica, esta nova forma de poder que se ocupa de fazer viver a partir de um modelo de vigilância.

A discussão acerca das questões de saúde/doença se fortifica a partir da nova configuração social de desenvolvimento industrial e esvaziamento do campo emergente no século XVIII. O trabalho fabril trouxe mudanças à realidade dos indivíduos e sua saúde, o que acarretou maior atenção para tais questões. Nesta realidade percebia-se que distúrbios psicológicos tornavam-se comuns, bem como a delinquência e a criminalidade. O adoecimento social chamava a ciência e a política para uma associação com vistas ao reordenamento social (CORBIN, 2008):

As conseqüências danosas do trabalho na fábrica e dos cortiços industriais forçaram a atenção de médicos, escritores, economistas e funcionários públicos. Na metade do século XIX, a França era o país mais avançado em teoria política e social, permeando a medicina francesa com o espírito de mudança social. [...] Muitos dos estudos estavam interessados na questão da mortalidade e no efeito de fatores como classe social, ocupação, raça, prisão e falta de saneamento adequado sobre a saúde. (SOUZA; OLIVEIRA, 1998, p.03).

Deste cenário emerge a concepção de Medicina Social, a partir principalmente de estudos franceses, que correlacionaram fatores como pobreza, ocupação, nutrição e habitação com o adoecimento da população. (SOUZA; OLIVEIRA, 1998). Evoluem as chamadas Teorias organicistas que concebiam a sociedade enquanto corpo social, que portanto, deveria funcionar como o corpo humano (CORBIN, 2008). É então que um controle do Estado sobre a população, e por conseguinte os indivíduos, passa a instaurar-se. O Estado toma sua responsabilidade sobre a difusão de uma educação para a higiene e a profilaxia da população (VIGARELLO, 2006).

Nesta realidade a biopolítica floresce. Tendo como bases a emergência da noção de população, a biopolítica extrai seus saberes dos estudos demográficos

---

<sup>6</sup> O termo “estatística” é de origem alemã derivando do termo Staat que significa Estado. Esta relação etimológica das palavras é extremamente relevante ao levarmos em conta que o desenvolvimento da estatística é contemporâneo ao fortalecimento da noção de Estado. Na Inglaterra, centro de desenvolvimento social europeu da época, um importante dito destaca a nova relevância da estatística: Para Lord Kelvin (William Thomson, 1824-1907), tudo que é verdadeiro pode ser expresso em números (SCLIAR, 2007).

através de medições estatísticas, definindo seu campo de intervenção e exercendo seu poder sobre o homem-espécie, não apenas a partir da disciplina, mas de uma regulamentação baseada em fazer viver – ou deixar morrer (FOUCAULT, 2008).

Se a saúde do corpo individual podia ser expressa por números - os sinais vitais -, o mesmo deveria acontecer com a saúde do corpo social: ela teria seus indicadores, resultado desse olhar contábil sobre a população e expresso em uma ciência que então começava a emergir, a estatística. (SCLIAR, 2007, p. 34).

Foucault (1999) resume os processos de poder sobre o corpo individual e sobre a população da seguinte forma: “Temos, pois, duas séries: a série corpo – organismo – disciplina – instituições; e a série população – processos biológicos – mecanismos regulamentadores – Estado.” (1999, p. 298), porém ainda salienta que estes mecanismos regulamentadores não estão a cargo apenas do Estado, mas podem ser encontrados em instituições que ele denomina subestatais, como as instituições médicas ou as de caixas de auxílio e seguros.

Percebe-se que os mecanismos disciplinares e os mecanismos regulamentadores estão articulados entre si nas várias instâncias sociais, a fim de garantir que o biopoder possa exercer plena influência na massa social. Neste sentido é na norma onde se pode perceber a coexistência da disciplina e da regulamentação:

De uma forma mais geral ainda, pode-se dizer que o elemento que vai circular entre o disciplinar e o regulamentador, que vai se aplicar, da mesma forma, sobre o corpo e à população, que permite a um só tempo controlar a ordem disciplinar do corpo e os acontecimentos aleatórios de uma multiplicidade biológica, esse elemento que circula entre um e outro é a norma. A norma é o que pode tanto se aplicar a um corpo que se quer disciplinar quanto a uma população que se quer regulamentar. (FOUCAULT 1999, p. 302).

As influências normativas são percebidas por Foucault (2008) primeiramente a partir do poder disciplinar no qual

[...] consiste em primeiro colocar um modelo, um modelo ótimo que é construído em função de certo resultado, e a operação de normalização disciplinar consiste em procurar tornar as pessoas, os gestos, os atos, conformes a esse modelo, sendo normal precisamente quem é capaz de se conformar a essa norma e o anormal quem não é capaz. Em outros termos, o que é fundamental e primeiro na normalização disciplinar não é o normal e o anormal, é a norma. (FOUCAULT, 2008, p. 75).

Nesta perspectiva nota-se um caráter primitivamente intrínseco a normalização disciplinar: a prescrição. A norma a partir do poder disciplinar se caracteriza enquanto essencialmente prescritiva, sendo a partir desta norma já estabelecida que o normal e o anormal aparecem. Para Foucault (2008) este primeiro esboço da norma lhe parece mais uma normação que efetivamente uma normalização.

A normalização a partir do biopoder tem suas origens nos ascendentes dispositivos de segurança os quais baseados nos estudos demográficos e medições estatísticas, passam a delinear noções de caso, risco, perigo e crise. Importa saber que, a partir destas noções e igualmente a partir dos novos procedimentos médicos de variolização/vacinação há uma mudança no referencial de normalidade (FOUCAULT 2008).

Com a possibilidade de uma expectativa da distribuição de casos normais em uma população, é possível traçar uma curva normal e é justamente na curva normal que as técnicas do dispositivo de segurança irão agir sobre a população, intervindo para reduzir as anormalidades que desviem em relação à chamada curva normal (FOUCAULT 2008). O que se tem é, portanto, o inverso do que se tinha nas disciplinas, que partiam da norma para se distinguir o normal e o anormal.

As técnicas de normalização consistem em tentativas de trazer para a curva de normalidade as diferentes distribuições que sejam mais desfavoráveis: “O normal é que é primeiro e a norma se deduz dele, ou é a partir desse estudo das normalidades que a norma se fixa e desempenha seu papel operatório.” (FOUCAULT, 2008, p. 82).

Neste contexto, a promoção e manutenção da saúde vinculam-se a uma educação do corpo, garantida pelo êxito do poder disciplinar abarcado pela biopolítica. Torna-se uma conquista individual, obtida com o seguimento a risca das prescrições das variadas práticas ginásticas disponíveis:

Havia ainda mais uma vantagem na aplicação da ginástica: a suposta aquisição e preservação da saúde, compreendida já como conquista/responsabilidade individual, podia ocorrer como decorrência de sua prática sistemática, afirmavam higienistas e pedagogos [...] (SOARES, 2002, p. 19).

Confirmando esta nova necessidade de controle e intervenção sobre o corpo, ao final do século XIX a Ginástica firma-se de forma obrigatória nas escolas

francesas (VIGARELLO, 2006), exemplo da operacionalização desta biopolítica sobre a população.

Os parâmetros biométricos são firmados no século XIX, numa intrínseca relação com a noção de risco, traga pelos estudos demográficos e medições estatísticas, colocando qualquer variação na curva de normalidade em posição de perigo, dando subsídios aos discursos normalizadores (SANTOLIN, 2013). Esta é uma relação que parece ser observada ainda hoje:

Na literatura científica biomédica ou em suas construções contemporâneas que ecoam na mídia, é possível encontrar uma extensa variedade de discursos advogando a relação entre “corpos em forma” e a ideia de evitar riscos à saúde. O pensamento probabilístico tem sido utilizado hegemonicamente como ferramenta fundamental de convencimento dessa relação. (PALMA et al, 2010, p. 32).

A institucionalização das empresas de seguro acompanha o surgimento das primeiras médias ideais a partir de relações entre massa corporal e estatura, ainda sem vinculações com doenças cardiovasculares, ou diminuição da expectativa de vida. Quetelet, que teria sido o primeiro estudioso a representar o peso ideal a partir de uma curva normal, traçando então os desvios, para cima ou para baixo, trazendo pela primeira vez a noção de sobrepeso e subpeso. Santolin (2013) ao comparar tais valores propostos por Quetelet, percebe uma coincidência com os atualmente aceitos pela Organização Mundial de Saúde.

Ainda segundo Santolin (2013) alguns estudos iniciais no século XIX, que propuseram parâmetros antropométricos, foram baseados em relações de proporcionalidade entre a massa e o volume de esculturas de corpos nus, cânones de uma beleza clássica, sob a justificativa de serem tais esculturas de uma simetria perfeita que seria compatível com a saúde:

O que merece destaque, neste caso, e a apropriação de obras de arte, que representam o corpo humano, como ideal tanto estético quanto de saúde. Ser belo é ser saudável e ser saudável é ser belo. A primeira impressão do leitor contemporâneo pode ser de espanto, entretanto, se analisarmos o papel que as representações exercem na contemporaneidade, perceberemos que não se afasta muito disso. Provavelmente, uma boa parte da população, atualmente, desejaria ser como a pessoa da foto, do filme, da novela, do vídeo clipe, da propaganda, entre outros. Ou seja, o meio em que o corpo foi representado pode ter se alterado – da pedra para a tela da televisão ou do computador – mas, aparentemente,

permanecemos desejosos de possuir aparências “irreais” e, talvez, continuemos associando estética com saúde. (SANTOLIN, 2013, p. 157).

No início do século XX estudos vinculando o excesso de gordura corporal – tomado já enquanto anomalia – a várias doenças são divulgados amplamente. Um claro exemplo deste processo é o que pode ser visto nas revistas femininas de moda da época. Quadros associativos entre gordura corporal e doenças, presentes nas revistas de moda incentivavam o desenvolvimento de uma concepção estética de beleza baseada em parâmetros de baixos índices de gordura. Um adelgaçamento é evidenciado ao observarmos os valores relativos ao “peso ideal” veiculados nestas revistas: de 60 quilos para uma mulher de 1,60 metros, no início da década de 30, a 51 quilos para o final desta mesma década (VIGARELLO, 2006).

Este processo de vinculação entre a magreza e a beleza intensifica-se no decorrer do século XX, principalmente no que se refere à expressão de beleza feminina. Segundo Andrade (2003, p. 126-127), principalmente a segunda metade do século XX expressa uma inversão na representação de beleza do corpo feminino, outrora baseada nas formas mais arredondadas, agora era expressa na magreza:

Em séculos anteriores, a gordura foi sinônimo de saúde, beleza e sedução. No século XX, principalmente a partir da segunda metade, essa representação sofre modificações, talvez uma inversão. A magreza encarna o novo ideal de beleza, e a gordura é associada à doença, à falta de controle sobre o corpo e, por extensão, também falta de controle sobre a própria vida.

Para Sant’anna (2014) no início do século XX já era notório a preocupação com o embelezamento entre homens e mulheres brasileiros, preocupados em manter uma beleza baseada na exaltação dos dotes naturais e da juventude. Para os “feios”, haveria algum alento encontrado nos “remédios” como os coletes e cintas para compressão abdominal. O corpo não poderia ter

[...] uma silhueta muito gorda ou [ser] um “estica” – ou seja, alguém magro ao extremo – [esses] eram considerados feios porque habitavam os extremos de uma linha imaginária cujo maior valor era o meio termo. Esse era o ponto central de toda a elegância almejada. (SANT’ANNA, 2014, p. 30) (grifos do autor).

Os investimentos sobre os corpos masculinos, por exemplo, davam-se por meio das práticas esportivas, já difundidas no contexto brasileiro dos anos 30, úteis

para o desenvolvimento da força e robustez dos corpos compactos tidos como belos na época. Esta perspectiva esteve afinada ao ideal de virilidade procurado principalmente a partir da Primeira Guerra Mundial com a exposição dos soldados Americanos (SANT'ANNA, 2014).

No contexto brasileiro da primeira metade do século XX a beleza feminina dita “natural” estava estritamente vinculada a “pureza de espírito” ou ainda a uma recompensa moral “[...] como se a aparência fosse um espelho fiel das emoções e do caráter.” (SANT'ANNA, 2014, p. 52).

No Brasil, diversos médicos e escritores incluíram em seus conselhos esta cisão entre corpo e alma. Quando escreviam sobre o embelezamento, tendiam a valorizar as virtudes morais e espirituais femininas. Defendiam que delas provinham qualquer traço belo estampado no corpo. A beleza de espírito seria fonte de todas as outras. (SANT'ANNA, 2014, p. 53).

Concomitantemente, em meados dos anos 20 iniciava-se um movimento, baseado nos preceitos médicos higienistas e eugenistas, de promoção de exercícios físicos de forma moderada para as mulheres da época, a fim de que estas mulheres pudessem se tornar boas progenitoras para os filhos da nação. Na época a beleza feminina estaria vinculada a saúde de seus órgãos reprodutores, que se acreditava, poderia ser promovida por tais práticas (SANT'ANNA, 2014).

A exposição dos corpos é exaltada pela popularização do cinema e a procura por investimentos sobre o corpo para o alcance dessa beleza iluminada se intensifica. Atores como Clark Gable, Marlon Brando e James Dean, bem como atrizes Elisabeth Taylor e Marilyn Monroe são alguns cânones de beleza que se destacam na época enquanto modelos ideais (SANT'ANNA, 2014). “O cinema jogou com os corpos, a luz a tela, os sentidos do espectador, levando longe as expectativas e os desejos do tempo.” (VIGARELLO, 2006, p. 158).

Para Sant'Anna (2014) nos anos 60 havia um prelúdio do novo – porém não tão novo assim – paradigma da beleza: o corpo *top model* que tinham sua magreza vinculada à riqueza e a classe social abastada. Este movimento trouxe maiores investimentos por parte da mídia sobre a promoção de propagandas de emagrecedores. As balanças chegaram às farmácias na mesma época, tornando ainda mais acessível ao indivíduo a vigilância de seu próprio peso.

Nos anos 70 os corpos esguios e bronzeados comandavam as capas de revista da época. No entanto novas exigências eram feitas a estes corpos, que

precisariam manter-se belos de forma natural, não desmanchando após um mergulho no mar. Nesta mesma década, por força de Lei, nenhum cosmético, item de higiene ou embelezamento poderia ser comercializado sem registro junto ao Ministério da Saúde:

O ideal de beleza autêntica, não apenas aprova d'agua, mas, sobretudo, contrária aos antigos artifícios, envolvia um aprofundamento das relações de cada um com o próprio corpo. Isso exigiu misturar o embelezamento com a ingestão de medicamentos para melhorar a forma corporal de dentro para fora. (SANT'ANNA, 2014, p. 141).

A partir principalmente da década de oitenta a ginástica ganha força junto à promoção de corpos atléticos, vinculados à promessa de uma felicidade baseada em corpos jovens e sexualmente desejáveis (SANT'ANNA, 2014). A partir de então esta tendência apenas ganha força. Imagens de corpos magros felizes e associados ao sexo oposto, trazendo referencia a sensualidade e a sexualidade crescem nos meios midiáticos. Uma tendência que Sant'Anna (2014) chama de hipersaúde também entra em destaque. É necessário estar 100% saudável, “sarado”, característica identificável em corpos musculosos, lisos e de musculatura delineável.

Ascende o modelo de bem estar junto a crescente individualização dos cuidados com o corpo. Os discursos pregam a “promoção do bem estar” e o “amar a si mesmo” a partir do cuidado com o próprio corpo. Neste contexto difundem-se métodos de ginástica e emagrecimento diversos para abarcar as múltiplas necessidades e realidades de cada individuo. A responsabilidade recai inteiramente sobre o próprio indivíduo, e a culpabilização dos evidentemente indisciplinados torna-se escancarada (VIGARELLO, 2006).

A beleza, concebida por muito tempo enquanto reflexo de uma pureza divina, gradualmente é compreendida como resultado de investimentos individuais. As celebridades da época divulgam e compartilham amplamente suas “receitas”, seguidas enquanto exemplo para se atingir a beleza ideal (SANT'ANNA, 2005). A beleza torna-se atributo adquirido, e não inato, de responsabilidade individual, conseguido através de investimentos e por vezes sacrifícios, vinculando o cuidado com o corpo e a saúde com a ideia de amor próprio, felicidade e bem estar.

Voltando as questões acerca da saúde, ainda que o Estado estivesse ocupado agora com tais questões, não havia uma definição universal do viesse a ser saúde. Essa realidade muda após o final da Segunda Guerra Mundial, onde em um

concílio de nações estruturado a partir da Organização das Nações Unidas (ONU) criou-se a Organização Mundial de Saúde (OMS) que desenvolveu este conceito. Para a OMS saúde é o estado de mais completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de enfermidade, conceito este divulgado na carta de princípios de 7 de abril de 1948 considerado o atual Dia Mundial da Saúde (SCLIAR, 2007).

Este conceito considerado então universal reflete uma nova concepção social emergente principalmente no período pós-guerra, a de ascensão do socialismo. Assim a saúde é tida como direito de todos e dever do Estado: “Saúde deveria expressar o direito a uma vida plena, sem privações.” (SCLIAR, 2007, p. 37).

No entanto, críticas a este conceito foram sendo elaboradas. Desde ampliações do mesmo – como o abrangente conceito de campo da saúde (health field)<sup>7</sup>, formulado por Marc Lalonde em 1974 – até a formulação de definições mais objetivas como o conceito desenvolvido por Christopher Boorse (1977) de saúde enquanto ausência de doença (SCLIAR, 2007).

No entanto o que merece destaque é justamente a consolidação deste novo modelo de governamentalidade, a partir destas biopolíticas, como exemplo a própria Constituição Federal do Brasil (1988), que trata saúde enquanto direito de todos e dever do Estado. Este dever do Estado seria garantido à população mediante políticas sociais e econômicas com metas de reduzir o risco de doenças, promovendo ações e serviços de proteção e recuperação desta população (SCLIAR, 2007).

É neste contexto que na atualidade é possível perceber os mecanismos da biopolítica operando sobre a massa social de maneira crescente: “Nos dois últimos séculos, a saúde tem se tornado cada vez mais politicamente relevante como um eixo articulador entre Estado e população.” (PALMA et al, 2010, p. 31).

Fica evidente que o Estado vai ocupar-se de manter esta população em uma curva de normalidade que garanta as menores taxas de risco sobre os mesmos, fazendo então efetiva vigilância sobre os índices estabelecidos. No entanto, os esta

---

<sup>7</sup> Este conceito de saúde é bastante amplo, trago por Scliar (2007, p. 37) como abrangendo: “a biologia humana, que compreende a herança genética e os processos biológicos inerentes à vida, incluindo os fatores de envelhecimento; o meio ambiente, que inclui o solo, a água, o ar, a moradia, o local de trabalho; o estilo de vida, do qual resultam decisões que afetam a saúde: fumar ou deixar de fumar, beber ou não, praticar ou não exercícios; a organização da assistência à saúde.”

vigilância não é executada apenas na esfera do Estado. Os mecanismos regulamentadores ou como por vezes se refere Foucault (1999), previdenciários, são executados também por instituições denominadas pelo autor como subestatais.

Percebe-se na mídia uma “[...] crescente ênfase discursiva a favor do envolvimento com (auto)disciplina e normas de comportamento na busca de se promover uma “boa saúde”” (PALMA et al, 2010, p. 31-32). Suas estratégias discursivas vêm corroborando com a produção de imagens idealizadas de corpos saudáveis e belos. Talvez se possa até mesmo traçar um paralelo entre os mecanismos regulamentadores traduzidos por Foucault (2008) enquanto investimentos sobre a população para a manutenção das curvas de normalidade; com a atual influência midiática enquanto instituição subestatal.

A veiculação e produção de imagens de corpos jovens, magros, limpos e ágeis, representados enquanto materialização de uma beleza e de uma saúde ideais, ou seja, de corpos “perfeitos”, é ampla na linguagem midiática, traduzindo-se no incentivo de práticas embasadas em discursos científicos, onde a prescrição predomina: o “faça em casa”, “faça em 30 minutos”, “faça em qualquer lugar”, as “dietas dos famosos” ou ainda a ênfase nas estratégias cirúrgicas. Instaura-se “[...] um movimento pós-moderno de culto ao corpo, esse corpo ideal é alcançado através de cuidados com a saúde, pelo esporte ou através de cirurgias plásticas.” (ARAÚJO; LEORATTO, 2013, p. 726).

Parece imprescindível, então, pensar justamente este movimento de produção do corpo a partir de discursos que vinculam imagens de corpos belos à saúde e felicidade. Imagens estas muitas vezes ilusórias, resultado das tecnologias de edição, dos disfarces, retoques e dos muitos artifícios desenvolvidos pela linguagem midiática.

### 3 Da linguagem midiática e da construção de modos de ser na cultura

É evidente na contemporaneidade a grande abrangência das mídias<sup>8</sup> na vida cotidiana. Suas formas de manifestação e difusão são as mais variadas: propagandas, conteúdos jornalísticos, produções de entretenimento e quantas outras possam ser classificadas, reproduzidas a partir de diversos meios e instrumentos, tais como computadores, *tablets*, celulares, aparelhos de rádio, televisores, *folders* impressos, *outdoors*, *banners*, jornais, revistas, dentre outros.

No entanto a TV ainda parece ser o meio midiático de maior abrangência, mantendo sua hegemonia perante outros meios e constituindo-se como “[...] o principal elo de ligação dos cidadãos com o mundo. Seu impacto sobre a sociedade nacional é incomensurável. Dela se apoderam os vendedores de bens e serviços, bem como os mercadores da fé e da política.” (MELO; TOSTA, 2008, p. 43).

Falar da TV parece relativamente complexo, haja vista que aquilo que comumente se entende enquanto TV apresenta-se como algo híbrido na contemporaneidade<sup>9</sup>. Compreende-se a TV, por tanto, a partir justamente da perspectiva de criação e divulgação de materiais audiovisuais, percebendo-a enquanto um “[...] meio de veiculação e consumo de imagens e sons, informação, publicidade e divertimento, com linguagem própria [...]” (FISCHER, 2013, p. 19). Assim o que se pensa sobre a TV expande-se das redes de TV aos materiais audiovisuais veiculados via *Internet*.

---

<sup>8</sup> Primeiramente, cabe esclarecer em linhas gerais a que se refere o termo mídia. A palavra mídia tem sua raiz etimológica na palavra latina *media*, plural de *medium*, que traduzida significa “meio”, “veículo” ou ainda “canal”. Em nosso país o vocábulo foi introduzido pelos Norte Americanos e depois “aportuguesado”. Efetivamente, “[...] mídia tem a ver com a indústria dos bens simbólicos. Corresponde a um sistema complexo de produção, circulação e consumo de bens culturais.” (MELO; TOSTA, 2008, p. 30).

<sup>9</sup> Engloba as tecnologia de smart TVs, onde em um mesmo aparelho pode-se ter acesso a múltiplos meios midiáticos e artefatos culturais: das redes de TV brasileiras ou internacionais, abertas ou via a cabo, até a Internet e toda a sua gama de sites de entretenimento, as redes sociais e suas timelines lotadas por posts, fotos, propagandas, vídeos, ou ainda os sites de TV por Internet com acervos audiovisuais de séries, filmes, novelas, dentre outras produções. Enfim, hoje o aparelho de TV nem de longe pode resumir o que efetivamente significa esta mídia, ao passo que o smartphone, o notebook ou ainda o mais recente tablet, englobam também várias funcionalidades que guardam relações com a criação e divulgação de materiais audiovisuais outrora pertinentes apenas à lógica de produção televisiva.

A partir desta perspectiva pode-se perceber a grande abrangência da TV, que atualmente configura-se enquanto “[...] uma espécie de processador daquilo que ocorre no tecido social, de tal forma que “tudo” deve passar por ela, “tudo” deve ser narrado, mostrado, significado por ela.” (FISCHER, 2013, p. 19) (grifos do autor).

A TV propaga em largas escalas modos de ser, viver e estar na contemporaneidade, muitas vezes exibindo e espetacularizando o privado, o cotidiano e o corriqueiro, dando ênfase às condutas desejáveis a fim de criar exemplos, modelos a serem seguidos pela grande massa de telespectadores. Desta forma, observa-se na TV de maneira crescente a

[...] exposição ampla da intimidade, do corpo, e da sexualidade; desejo de visibilidade pública, a qualquer preço; dificuldade de estabelecimento de fronteiras entre os espaços privados e os espaços públicos; problemas de compreensão e tratamento das diversidades e das diferenças sociais e culturais, tratadas muitas vezes como um “outro” a normalizar ou a excluir.” (FISCHER, 2013, p. 34).

Neste sentido falar acerca da TV, bem como das múltiplas facetas midiáticas existentes na atualidade, significa falar acerca da produção cultural de modos de ser e estar no mundo. Numa definição abrangente de cultura, a partir dos pressupostos de Stuart Hall e dos Estudos Culturais, Fischer (2013, p. 28) define cultura enquanto um

[...] conjunto complexo e diferenciado de significações relativas aos vários setores da vida dos grupos sociais e das sociedades e por eles historicamente produzidas (as linguagens, a literatura, as artes, o cinema, a TV, o sistema de crenças, a filosofia, os sentidos dados às diferentes ações humanas, sejam estas relacionadas à economia, à medicina, às práticas jurídicas, e assim por diante). (FISCHER, 2013, p. 28).

Ao refletir-se sobre os modos como os seres humanos compreendem o mundo em que vivem, percebe-se que este processo se dá através das várias significações construídas coletivamente. Desta afirmação depreende-se que só é possível a mulheres e homens, compreenderem sua realidade através das significações forjadas no seio da cultura, vinculando-se tal compreensão diretamente ao contexto em que se inserem:

A produção de sentido/significado é também a produção de cultura, que permeia todas as instâncias de produção, consumo e controle social em qualquer sociedade, simples ou complexa, exprimindo também a

produção/reprodução de uma relação de poder, na medida em que atribuir significados implica em “definir a realidade”. (BRITTOS; GASTALDO, 2006, p.126)

Esta construção coletiva de significações na contemporaneidade acontece também – talvez principalmente – na mídia. A partir de seus artefatos culturais<sup>10</sup> a mídia produz e reproduz cultura, reforçando ou reformulando significações acerca do que idealmente ou tradicionalmente devem ser os ideais de homem, mulher, criança, jovem, adulto, os ideais de família, Estado, sociedade, organizações sociais religiosas, reforçando e reformulando também e constantemente ideais de corpo e saúde.

O que se produz na mídia relaciona-se diretamente com determinadas percepções de mundo, contribuindo para a atribuição de significados que acabam por definirem a realidade, pois na mídia apresentam-se, incessantemente, significações das quais se valem os indivíduos para compreender e explicar o mundo em que vivem. Esta relação é complexa e circunscrita na base de intrincadas relações de poder: “Falar em cultura implica em falar de um campo muito específico, qual seja, o da produção histórica e social de significados numa determinada formação social. Tal produção é complexa, diversificada e sempre implica em relações de poder.” (FISCHER, 2013, p. 28).

Estas relações de produção de significado a partir dos meios midiáticos, portanto, são elas próprias meios de produção da cultura. No contexto contemporâneo estão inerentes a praticamente toda relação humana, desde as reações sociais mais amplas como as mercadológicas até as relações sociais mais restritas: [...] estamos vivendo hoje uma verdadeira “revolução cultural”, porque cada vez mais se tornam fundamentais aquelas atividades relacionadas à expressão ou à comunicação de sentidos, à produção de significados. (FISCHER, 2013, p. 28).

Novamente tomando a TV em especial, esta produz e torna visível aos telespectadores um conjunto de significações, historicamente construídas, tomadas por determinados interesses e permeadas por relações de poder: “As imagens da TV

---

<sup>10</sup>Define-se artefatos culturais midiáticos como Fischer (2013) enquanto a vasta produção humana em meio midiático em circulação na atualidade, quais sejam: filmes, peças de teatro, programas de televisão, jogos eletrônicos, livros, outdoors, dentre outros elementos.

tendem a fixar determinadas “verdades”, determinados conceitos universais [...]” (FISCHER, 2013, p. 42).

Há, portanto, um grande potencial impregnado à TV – e as mídias como um todo – de veiculação, criação e/ou reforço de significados e representações ideais, disseminadas enquanto normas. Estas normas reforçam determinados arranjos sociais ao passo que marginalizam outros não desejáveis a lógica de poder: “Os significados culturais organizam e regulam as práticas sociais, influenciam a conduta dos sujeitos em um grupo social e, assim, têm efeitos práticos e reais.” (BRITTOS; GASTALDO, 2006, p.126).

A TV então reforça, naturaliza, reconstrói, desmonta, desmantela e também produz significados e representações sociais, produzindo assim, cultura. Apropriada destas significações as transmite de acordo com seus interesses, a partir de textos, imagens, sons, planos, desfoques, edições; enfim, pela sua linguagem (FISCHER, 2013).

A TV exerce sua representatividade a partir de sua peculiar linguagem televisiva. Torna assim visível uma série de modos de viver, uma série de modelos – de moral, de integridade, de sucesso, de beleza, de corpo, de homens, de mulheres – enfim, uma série de padrões. A TV representa desta forma a grande multiplicidade presente na atualidade, ao mesmo tempo em que visibiliza os olhares daqueles que a produzem:

A TV torna visíveis para nós uma série de olhares de pessoas concretas – produtores, jornalistas, atores, roteiristas, diretores, criadores, enfim, de produtos televisivos – a respeito de um sem-número de temas e acontecimentos. Quando assistimos TV, pode-se afirmar que esses olhares dos outros também nos olham, mobilizam-nos, justamente porque é possível enxergar ali muito do que somos (ou do que não somos), do que negamos ou daquilo em que acreditamos, ou ainda do que aprendemos desejar ou a rejeitar ou simplesmente a apreciar. (FISCHER, 2013, p. 16).

Ao narrar diferentes modos de ser e existir a partir de sons, imagens e textos, ou seja, a partir da linguagem, a TV participa ativamente da produção da identidade individual e também cultural, num processo de (con)formação que opera diretamente sobre o indivíduo (FISCHER, 2013).

Exaustivamente capturados pelos discursos midiáticos e laçados em uma teia de relações de poder demarcadas culturalmente em nossa sociedade, os indivíduos reproduzem discursos emergidos a partir de inúmeras influências, como a

lógica de consumo atual, bem como por outras relações de poder existentes em nossa realidade. Assis estes mesmos indivíduos se propõem a veicular saberes que reforçam os interesses de seus influenciadores (BRITTOS; GASTALDO, 2006).

A influência midiática na atual sociedade parece indispensável para a efetivação de uma lógica de controle da massa social. A partir da proposição de comportamentos e das tecnologias de observação, a mídia instaura “[...] mecanismos indispensáveis à introjeção das idéias que conduzem a uma auto-censura” (BRITTOS; GASTALDO, 2006, p. 123).

Aspectos de nossa cultura cotidiana são apropriados diariamente pelos discursos midiáticos e transmitidos por meio da linguagem, reforçando condutas sociais interessantes à manutenção de um ou vários poderes. Ademais, a grande abrangência das cada vez mais modernas tecnologias midiáticas, torna este processo ainda mais eficiente (BRITTOS; GASTALDO, 2006).

Assim a mídia educa. A cultura, os indivíduos e a sociedade são interpelados a todo momento por aquilo que a TV – e a mídia em geral – pretende representar, nas mais diversas perspectivas:

Não há dúvidas, por exemplo, de que a TV seria um lugar privilegiado de aprendizagens diversas; aprendemos com ela desde formas de olhar e retratar nosso próprio corpo até modos de estabelecer e de compreender diferenças de gênero (isto é, de como “são” ou “devem ser” homens e mulheres), diferenças políticas, econômicas, étnicas, sociais, geracionais. (FISCHER, 2013, p. 19).

Seu caráter educativo torna-se cada vez maior seja representado de forma explícita – como, por exemplo, é o caso dos muitos programas educativos, exibidos para várias faixas etárias, gêneros e realidades diversas na atualidade – ou não. A TV tem protagonizado o papel de uma versátil professora, que nos ensina e educa a respeito de múltiplas temáticas da vida cotidiana: “Há, portanto, um cruzamento básico aí, entre forma de expressão cultural, própria do nosso tempo, e modos de aprender e de ensinar, certamente alterados justamente pela existência desse e de outros meios de comunicação e informação.” (FISCHER, 2013, p. 20).

Aquilo que é produzido e divulgado na TV e junto a outros meios midiáticos extrapola por tanto o caráter informativo e passa ao caráter conformativo. Os conteúdos ensinam modos se ser e estar, porém mais que isto, convocam cotidianamente indivíduos a expressarem estes modos, nas mais variadas

instâncias. Uma vez que tais modos não se enquadrem naqueles usualmente difundidos enquanto dentro dos padrões da normalidade, estes indivíduos destoante são então responsabilizados e expostos por sua anormalidade constrangedora:

Ou seja, há uma imensa responsabilidade dos meios de comunicação, particularmente da TV, que aqui nos interessa, no que se refere aos modos de nomear os diferentes. [...] em que medida todos esses diferentes são tratados como diferença a ser excluída ou ser normalizada. (FISCHER, 2013, p. 41-42)

Neste sentido cabe falar acerca do que Fischer (2002; 2012) denominou enquanto dispositivo pedagógico midiático, ou dispositivo pedagógico da mídia. Ao ocupar-se de ensinar modos de ser e estar aos indivíduos na contemporaneidade, a partir de seu vasto aparato de linguagem e diversificadas estratégias construtivas de seus artefatos, a mídia executa complexos processos de comunicação que objetivam, dentre outras coisas, construir sujeitos conformados a determinadas padrões e relações de poder. Esta característica da mídia pode ser observada, por exemplo, em programas de televisão onde vozes autorizadas são trazidas para tratar de variados temas a partir de um vocabulário interpelativo ou mesmo impositivo, ditando receitas e regras de como ser: magro(a), jovem, belo(a), bem-sucedido(a), saudável. Há na mídia uma “[...] produção e veiculação de saberes sobre os próprios sujeitos e seus modos confessados e aprendidos de ser e estar na cultura em que vivem.” (FISCHER, 2002, p. 155).

No entanto este processo não pode ser percebido sem compreenderem-se também suas resistências: “[...] a TV não tem controle da própria TV, na medida em que precisa adequar-se a uma série de constrangimentos políticos e econômicos, bem como a exigências do próprio público (que ela mesma ajudou a criar).” (FISCHER, 2013, p. 24).

Os discursos midiáticos, portanto, necessitam renovar constantemente seu arsenal capturador, traçando novas estratégias para trazer seus telespectadores, usuários e também produtores, de volta as normas estabelecidas. Neste sentido é necessário relativizar a posição do publicitário e do consumidor:

[...] nem o publicitário é um monstro manipulador de mentes, nem o consumidor (a rigor, todos nós) um fantoche que consome qualquer coisa que os anúncios ordenem. Na verdade, todos os participantes do processo de comunicação publicitária estão inseridos em um determinado contexto social, que a todos engloba. (BRITTOS; GASTALDO, 2006, p.125).

Assim o que é necessário ao estudar os discursos e as formas de produção midiática em nossa sociedade, em especial as da TV, é traçar observações atenta destes fatores, desde os mais gerais acerca de que tipo de programa é analisado, em qual horário e canal é exibido, por exemplo, chegando aos mais específicos, como para qual público o programa se endereça, quais os jogos de câmera e imagem mais utilizados, quais estratégias ou modos de ser e estar na cultura são enfatizadas.



Figura 1: Imagem promocional do aplicativo “Medida Certa” para smartphone. Fonte: <http://www.aplicativosipad.net/2011/10/perca-peso-com-o-aplicativo-do-medida.html>

#### 4 Caracterização do Objeto

As Organizações Globo de Comunicações e Participações S.A estão atualmente em espaço de destaque na mídia televisiva brasileira. Seu campo de abrangência é internacional<sup>11</sup>, figurando entre os maiores índices de audiência da TV aberta brasileira<sup>12</sup>. Tem produções no âmbito cinematográfico e literário bem como comercializa uma série de produtos e bens de consumo vinculados a sua marca<sup>13</sup>.

Uma de suas atrações de grande destaque é o “Fantástico”, programa que há 40 anos compõe o quadro de programação da TV Globo sendo destacado enquanto uma “Revista eletrônica pioneira na televisão mundial [...]”<sup>14</sup>. Suas características figuram entre jornalísticas e de entretenimento.

Frequentemente o “Fantástico” atualiza seus quadros criando novos projetos. O quadro “Medida Certa” é uma destas atualizações. Criado a partir da proposta de “reprogramação corporal” realizada em 90 dias do preparador físico Marcio Atalla<sup>15</sup>, já desenvolvida com outros moldes em um canal fechado (GNT) no programa “*BemStar*”, o “Medida Certa” iniciou sua trajetória no “Fantástico” em 2011, tendo quatro temporadas e algumas intervenções sociais pelo país em parceria com entidades como SESI, exercendo grande influência na população brasileira<sup>16</sup>. Sua última temporada foi exibida em 2015.

<sup>11</sup> Esta abrangência se afirma nos site da emissora. Ver: <<http://tvglobointernacional.globo.com/>>

<sup>12</sup> Pode-se ter um panorama da grande audiência da Rede Globo de Televisão a partir de alguns índices disponibilizados gratuitamente pela Empresa IBOPE de pesquisa, correspondentes apenas a Cidade de São Paulo e Rio de Janeiro. Índices nacionais não estão disponíveis para acesso ao público, sendo produto comercializado pela Empresa.

<sup>13</sup> Ver: <<http://www.globomarcas.com.br/>>

<sup>14</sup> Ver: <<http://memoriaglobo.globo.com/mostras/fantastico-40-anos.htm>>

<sup>15</sup> No decorrer do quadro televisivo, nas mídias relacionadas ao quadro, como nos blogs e no livro, Marcio Atalla é denominado enquanto preparador físico. Porém em seu blog como colunista da Revista Época o próprio Márcio se coloca enquanto Professor de Educação Física. Ver: <<http://epoca.globo.com/colunas-e-blogs/marcio-atalla/>>

<sup>16</sup> De maneira geral, pode-se perceber esta influência nos números destacados nas matérias acerca das “Caminhadas Medida Certa”, ver: <<http://g1.globo.com/fantastico/quadros/medida-certa/platb/2011/08/01/caminhadas-reunem-quase-54-mil-em-11-capitais-do-pais/>>, e do “Medidinha Certa”, ver: <<http://g1.globo.com/fantastico/quadros/medidinha-certa/platb/2012/07/30/medidinha-certa-encerra-sua-viagem-pelo-brasil-com-recorde-de-publico/>>.



Figura 2: Vinheta do quadro televisivo. Fonte: <http://www.ideiafitness.com/medida-certa-fantastico-da-globo-imc-e-calculo-circunferencia-abdominal>

A primeira temporada teve como protagonistas os jornalistas e apresentadores Zeca Camargo e Renata Ceribelli, sendo realizada em 2011, dando resultado a produção do livro “Medida Certa: Como Chegamos Lá!”, lançado no mesmo ano, e desenrolando nas ações “Caminhadas Medida Certa” e “Medidinha Certa”, também com participação do Zeca Camargo e da Renata Ceribelli.

O livro reproduzido pela Editora Globo, narra de forma bastante pessoal a história dos personagens principais da primeira edição, contando suas trajetórias de vida, e suas rotinas a partir da participação no programa, os sentimentos em relação a esta nova rotina, os “sacrifícios” e “privações” para reprogramar o corpo em busca da medida certa. A narrativa é de acordo com o cronograma do programa, a cada semana há os relatos individuais do Zeca e da Renata, seguidos de um capítulo basicamente informativo escrito pelo Marcio Atalla acerca de alguma temática de destaque daquela semana. O livro estrutura-se com uma linguagem razoável, e bastante explicativa acerca das atividades e mudanças de rotina realizadas pelos participantes, com muitas fotos dos mesmos. Os dados destacados para legitimar as intervenções relacionam-se principalmente as recomendações da Organização Mundial de Saúde (OMS) e em estudos desenvolvidos por pesquisadores Norte-Americanos.

Após a primeira edição as ações “Caminhadas Medida Certa” e “Medidinha Certa” mobilizaram milhões de pessoas entre 2011 e 2012. As caminhadas, segundo conteúdo disponível no blog do programa, movimentaram “54 mil em 11 capitais do país” para “vencer a preguiça” numa “marcha da boa forma”. (MEDIDA CERTA, 2011)<sup>17</sup>. Ao se pronunciar sobre o projeto, Marcio Atalla destaca:

*“Espero que esse projeto tenha servido para conscientizar as pessoas que a atividade física é como remédio. Ela vai nos ajudar a evitar um monte de doenças crônicas, mas para isso é preciso que ela seja feita com regularidade. Acho que Zeca e Renata deram exemplo para todo Brasil”.*  
(MEDIDA CERTA, 2011).

O “Medidinha Certa”, parceria entre a Rede Globo de Televisão e o Sesi, reuniu cerca de 50 mil pessoas pelo país que compareceram às atividades gratuitas,

---

<sup>17</sup> Ver: <<http://g1.globo.com/fantastico/quadros/medida-certa/platb/2011/08/01/caminhadas-reunem-quase-54-mil-em-11-capitais-do-pais/>>

entre pais e crianças, recebendo informações acerca da importância da prática de atividades físicas de da manutenção de uma alimentação saudável (MEDIDA CERTA, 2012) <sup>18</sup>.

A segunda temporada, realizada em 2012 teve como participante o ex-jogador de futebol Ronaldo Nazário, o “Fenômeno”<sup>19</sup>, continuando com os objetivos de reprogramação corporal, porém com metas estipuladas para o participante. Na terceira temporada intitulava-se “Medida Certa: A disputa”<sup>20</sup>, tendo como participantes o humorista Fábio Porchat, as cantoras Preta Gil e Gaby Amarantos, além do cantor César Menotti. Nesta edição, como sugere o nome, há uma disputa entre as duplas (Fábio e Preta *versus* Gaby e César) baseada na perda de peso e índices de percentuais de gordura, bem como nos níveis de condicionamento físico dos participantes, a partir de provas com disputas entre estes. Mais ainda uma nova temporada foi exibida no ano de 2015, onde a proposta em formato também competitivo foi submetida a um grupo de pessoas não famosas, moradores de dois blocos do mesmo prédio que competiram um bloco contra o outro.

Via de regra, todas as temporadas ou ações articuladas a proposta do “Medida Certa” encontram-se baseadas em um método, desenvolvido pelo Marcio Atalla, constituído basicamente pela articulação entre a prática de exercícios físicos e o consumo de uma alimentação balanceada. Atalla ressalta ter desenvolvido seu método baseado em comprovações científicas e a partir de suas experiências no treinamento de atletas de alto nível, bem como de não atletas. Para Atalla o objetivo é reprogramar o corpo e a mente em noventa dias, prazo que o preparador destaca como suficiente para uma mudança de estilo de vida. Neste processo, o preparador físico ainda destaca que seu programa “Apesar de promover o emagrecimento, o que está diretamente ligado ao ganho de saúde, não se fundamenta em resultados estéticos.” (CAMARGO; CERIBELLI; ATALLA, 2011, p. 24).

O primeiro passo na jornada pela “reprogramação corporal” em busca da tão almejada saúde é realizar todas as medições, aferições, pesagens, exames e acompanhamentos junto à nutricionista e ao médico do programa, traçando um perfil do participante, até então inativo fisicamente. Expõe-se ao telespectador o peso do

---

<sup>18</sup> Ver: <<http://g1.globo.com/fantastico/quadros/medidinha-certa/platb/2012/07/30/medidinha-certa-encerra-sua-viagem-pelo-brasil-com-recorde-de-publico/>>

<sup>19</sup> Ver: <<http://g1.globo.com/fantastico/quadros/medida-certa-o-fenomeno/index.html>>

<sup>20</sup> Ver: <<http://g1.globo.com/fantastico/quadros/Medida-Certa-A-Disputa/index.html>>

participante, suas medidas mais relevantes, como a circunferência abdominal e destaca-se qualquer alteração significativa nos exames clínicos realizados por estes, como alterações nas taxas de colesterol, ácido úrico ou de glicose, vinculando por vezes tais alterações indesejáveis a baixos índices de atividade física e altos percentuais de gordura.

Após as aferições, os participantes são levados às suas rotinas “reprogramadas”. Baseado em recomendações da OMS, Atalla destaca que para atingir níveis aceitáveis de atividade física, é necessário no mínimo 150 minutos de atividades aeróbicas por semana e pelo menos dois dias de atividades de resistência por semana. Atalla não promove dietas em seu programa, mas realiza recomendações básicas, destacadas de forma didática para serem seguidas pelos telespectadores.

No decorrer das 12 semanas são apresentadas aos participantes, várias alternativas para englobar a atividade física a sua rotina diária, vencendo a “preguiça” e modificando seu “estilo de vida”. As ações são apresentadas também de forma genérica, convidando o telespectador a “fazer junto”. Neste sentido, para aqueles que assistem a reprogramação corporal dos participantes, não há desculpas para não “se reprogramar” também: “[...] se não tiver tempo ou dinheiro para frequentar uma academia, você pode caminhar, pedalar ou correr na rua, no parque. Não tem desculpa.” (CAMARGO; CERIBELLI; ATALLA, 2011, p. 52).

Os participantes eram monitorados diariamente pela equipe do quadro. Verificavam-se sua rotina, a quantidade de água ingerida, os alimentos consumidos e as atividades físicas realizadas. Também os participantes podiam gravar “depoimentos” pessoais, relatando suas maiores dificuldades e compartilhando suas angustias ao público:

Assim, a internalização do olhar do “outro” torna cada indivíduo seu próprio vigilante, não somente com relação ao rompimento deliberado da ordem institucional, mas também das pequenas vicissitudes cotidianas, punidas não com a prisão, mas com o embaraço, o vexame. (BRITTOS; GASTALDO, 2006, p. 123-124)



Figura 3: Renata Ceribelli e Jeca Camargo. Fonte: [http://www.nopatio.com.br/comportamento\\_2/zeca-camargo-e-renata-ceribelli-trazem-o-medida-certa-para-fortaleza/#more-4752](http://www.nopatio.com.br/comportamento_2/zeca-camargo-e-renata-ceribelli-trazem-o-medida-certa-para-fortaleza/#more-4752)

Com o sucesso da atração, foi desenvolvido um aplicativo do “Medida Certa” para *smartphones* onde qualquer pessoa com o aparelho compatível poderia baixar o programa e leva-lo no bolso, realizando os cálculos mais importantes como o de IMC, risco cardiovascular e percentual de gordura, a partir do aplicativo. Havia dicas para hábitos alimentares mais saudáveis bem como dicas para um estilo de vida “ativo”. Uma função do aplicativo também gravava os “depoimentos” dos telespectadores que agora também estavam em busca de sua “medida certa”.

No blog da primeira temporada do quadro televisivo todas estas informações estão ainda hoje igualmente divulgadas. Há também um espaço para o cálculo do IMC, do risco cardiovascular e do percentual de gordura corporal, tudo on-line, explicado de forma simples para que todos possam “fazer em casa”. Cada um destes índices é acompanhado de uma breve explicação acerca de sua importância para a manutenção de um corpo “na medida certa”.

No blog também há um espaço para comentários dos telespectadores, onde se tem mais indícios da grande abrangência do quadro televisivo. Os comentários, em linhas gerais, elogiam a iniciativa do “Fantástico” e clamam por ajuda para perder peso e atingir a “medida certa”.

Os depoimentos daqueles que se envolveram com o quadro “Medida Certa” não deixam dúvidas do quão mobilizadora se fez a proposta, que ao falar sobre saúde, corpo e hábitos de vida, “reprogramou” as subjetividades de seus participantes, que para o público telespectador, tornaram-se exemplos. Neste sentido o “Medida Certa” configura-se enquanto um agente pedagógico ao ensinar modos de construir os sujeitos e seus corpos, modos estes possivelmente vinculados a uma percepção normalizadora presente na contemporaneidade.



Figura 4: Capa do livro "Medida Certa: Como chegamos lá?". Fonte: <http://www.americanas.com.br/produto/110355380/livro-medida-certa-como-chegamos-la->

## Referências

ANDRADE, Sandra dos Santos. Saúde e beleza do corpo feminino: Algumas representações no Brasil do Século XX. **Movimento**, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 119-143, jan./abr. 2003.

ARAUJO, Denise Castilho; LEORATTO, Daniele. Alterações da silhueta feminina: A influência da moda. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, Florianópolis, v. 35, n. 3, p. 717-739, jul./set., 2013.

BEZERRA, Hudson Pablo de Oliveira. Educação em Saúde e mídia: Uma proposta na “Medida Certa”. **Praxia**, Goiânia, n. 2, v. 1, p. 80- 97, maio 2013.

BRITTOS, Valério Cruz; Édson Luis GASTALDO. Mídia, Poder e Controle Social. **ALCEU**, Rio de Janeiro, n. 13, v.7, p. 121 – 133, jul. 2006.

BORTOLAZZO, Sandro Faccin; MACHADO, Roseli Belmonte. A mídia incitando estilos de vida saudáveis: Uma análise do quadro “medida certa” do Programa fantástico. **Caderno de Educação Física e Esporte**, Marechal Cândido Rondon, v. 12, n. 1, p. 75-83, jan. 2014.

CAMARGO, Zeca; CERIBELLI, Renata; ATALLA, Márcio. **Medida Certa: Como Chegamos lá!** São Paulo: Globo, 2011.

CORBIN, Alain. **História do Corpo: 2. Da Revolução à Grande Guerra.** 2 ed. Petrópolis, RJ, editora Vozes, 2008.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 1, n. 28, p. 151-162, jan/jun. 2002.

\_\_\_\_\_. **Televisão e Educação: Fuir e pensar a TV.** 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

\_\_\_\_\_. **Trabalhar com Foucault: Arqueologia de uma paixão.** Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. 33 ed. Petrópolis: Vozes, 2007. Tradução de: Surveiller et punir.

\_\_\_\_\_. Aula do dia 17 de março de 1976 . In: \_\_\_\_\_. Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975 – 1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 285 - 315.

\_\_\_\_\_. Aula de 17 de março de 1976 . In: \_\_\_\_\_ Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975 – 1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 285 - 315.

\_\_\_\_\_. Aula do dia 25 de janeiro de 1978 . In: \_\_\_\_\_. **Segurança, Território e População**: curso no Collège de France (1977 – 1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008, p. 73 - 116.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (org). **Corpo, Gênero e Sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 30-42.

KNUTH, Alan Goularte; RIGO, Luiz Carlos. Desafios contemporâneos para a educação física: considerações sobre “medida certa” e a sociedade de controle. In: SANTOS, Rita de Cássia Grecco dos (org.). **Sociologia da Educação**: Debates contemporâneos e emergentes na formação de professores. Rio Grande: FURG, 2013.

LOVISOLO, Hugo. Em defesa do modelo JUBESA (Juventude, Beleza e Saúde). In: BAGRICHEVSKY, Marcos; PALMA, Alexandre; ESTEVÃO, Adriana (Org.). **A Saúde em Debate na Educação Física**. 2 vol. Blumenau: Nova Letra, 2006, p. 156-175.

LÜDORF, Sílvia Maria Agatti. Prática pedagógica do professor de Educação Física e o corpo de seus alunos: um estudo com professores Universitários. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 8, n. 2, p. 243-255, jul. 2005.

MELO, José Marques de Melo; TOSTA, Sandra Pereira. **Mídia e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MONTEIRO, Patrícia. Do Fenômeno e das formas: Operações discursivas entre corpo e cotidiano no quadro Medida Certa. **Culturas Midiáticas**, Paraíba, n. 9, ano 5, p. 1-15, jul. 2012.

OLIVEIRA, Alexandre Palma de; et al. Culto ao corpo e exposição de produtos na mídia especializada em estética e saúde. *Movimento*, Porto Alegre, v. 16, n. 01, p. 31-51, jan./mar., 2010.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. Cuidado de Si e Embelezamento Feminino: fragmentos para uma história do corpo no Brasil. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **Políticas do corpo**: elementos para uma história das práticas corporais. 2 ed. São Paulo: Estação liberdade, 2005. p. 121-139.

\_\_\_\_\_. **História da Beleza no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014.

SANTOLIN, Cezar Barboza. **O nascimento da obesidade**: um estudo genealógico do discurso patologizante. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2013.

SCLIAR, Moacyr. História do Conceito de Saúde. **PHYSIS Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.1, n. 17, p. 29-41, 2007.

SENNETT, Richard. **Carne e Pedra**: o corpo e a cidadania na civilização ocidental. Tradução de Marcos Aarão Reis. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2005. Tradução de Flesh and Stone.

SILVA, Jackson Ronie Sá; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**. Ano 1, n 1, jul. 2009.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **O que é, afinal, Estudos Culturais?**. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SOARES, Carmen Lúcia. **Imagens da Educação no Corpo**. 2 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

\_\_\_\_\_. A educação do corpo e o trabalho das aparências: O predomínio do olhar. In: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval et al. **Cartografia de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p.69-82.

SOUZA, Elizabete Cristina Fagundes de; OLIVEIRA, Ângelo Giuseppe Roncali da Costa. O processo saúde-doença: do xamã ao cosmos. In: **ODONTOLOGIA Social**: textos selecionados. Natal, RN: Editora da UFRN, 1998.

VÁZQUEZ, Adolfo Sanchez. **Convite a Estética**. Tradução de Gilson Baptista Soares. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. Tradução de: Invitación a la Estética.

VIGARELLO, Georges. **História da Beleza**: O corpo e a arte de se embelezar, do Renascimento aos dias de hoje. Tradução de Léo Schlafman. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006. Tradução de: Histoire de la beauté.

### **3 ARTIGO**

**CONSTRUINDO O CORPO NA “MEDIDA CERTA”?  
DISCURSOS ESTRATÉGICOS DE UM DISPOSITIVO MUDIÁTICO  
TELEVISIVO**

**TÍTULO DO ARTIGO NO SEGUNDO IDIOMA (PORTUGUÊS, INGLÊS OU  
ESPAÑHOL; TIMES NEW ROMAN 12, CENTRALIZADO)**

**¿CONSTRUYENDO EL CUERPO “A LA MEDIDA”? DISCURSOS  
ESTRATÉGICOS DE UN DISPOSITIVO MEDIÁTICO TELEVISIVO**

**Resumo:** Compreendendo o corpo enquanto um construto sócio-histórico percebe-se que atualmente este é produzido, falado e representado em várias instâncias, em destaque a mídia, através de seus dispositivos pedagógicos. Este artigo tem por objetivo analisar os discursos midiáticos do quadro televisivo “Medida Certa” em sua primeira edição e formato, discutindo os possíveis mecanismos de normalização referentes ao corpo ali presentes. Analisam-se os discursos dos 12 episódios da primeira temporada do quadro, bem como o livro resultante desta, a partir dos pressupostos destacados por Fischer (2012), com base nos elementos de análise de discurso na perspectiva foucaultiana. Percebe-se a presença de mecanismos normalizadores referentes ao corpo oriundos dos discursos científicos biológicos, estratégias biopolíticas na promoção de novas formas de influência na conduta humana.

**Palavras-chave:** Corpo humano. Mídia audiovisual. Discursos.

**Abstract:** Understanding body as a social-historical construct, one can observe how it is produced and represented by a number of articulators, especially the medias, through their pedagogical tools. This paper aims at analyzing the media discourses from the TV show "Medida Certa" (Right Measure) in its first edition, discussing the possible normalization mechanisms regarding body on the program. The discourses from the 12 first season episodes, as well as from the book which followed, are analyzed. This is done based on the premises highlighted by Fischer (2012) about the elements in Discourse Analysis from a foucauldian perspective. The data shows the presence of normalizing mechanisms regarding body coming from the biological/scientific discourse, biopolitics strategies to promote new ways to influence human behavior.

**Keywords:** Human body. Audiovisual media. Discourses.

**Resumen:** En la comprensión de que el cuerpo es un constructo socio histórico, se observa que, actualmente, este es hablado y representado en distintas instancias, principalmente en la media, por medios de sus dispositivos pedagógicos. Este artículo tiene por objetivo analizar los discursos mediáticos de la primera edición y formato de la sección “Medida Certa” del programa televisivo brasileño “Fantástico”, discutiendo los posibles mecanismos de normalización referentes al cuerpo allí presentes. Se analizan los discursos de los 12 primeros episodios de la primera temporada del programa, así como el libro que de ella resulta, a partir de los presupuestos destacados por Fischer (2012), sobre las bases de los elementos del análisis de discurso en la perspectiva foucaultiana. Se nota la presencia de mecanismos normalizadores referentes al cuerpo que viene del discurso científico biológico, estrategias de biopolítica para promover nuevas formas de influencia en la conducta humana.

**Palabras clave:** Cuerpo humano. Media audiovisual. Discursos.

## 1 INTRODUÇÃO

Mais do que nunca, em nossa sociedade contemporânea o corpo humano se caracteriza enquanto uma unidade biopolítica. Ao tratarmos das questões de corpo é indispensável considera-las para além do biológico, ainda que seja neste, no biológico, na carne, que muitas influências se operem. Influências históricas, culturais, sociais, políticas e tecnológicas trazem a noção de que o corpo é muito mais que um aglomerado de órgãos, é também seu entorno, suas roupas, acessórios, seus modos de ser e agir. (GOELLNER, 2013)

O corpo também se modifica a partir de intrincadas relações que se dão através da produção de significados por meio das representações: “[...] as práticas culturais de produção de significados, aos modos pelos quais determinados grupos aprendem a conferir significado aos objetos, pessoas e acontecimentos, a toda uma dinâmica que ocorre em circuito [...].” (FISCHER, 2013, p. 81-82). A partir das representações, tem-se a construção de conceitos e preconceitos, saberes e identidades diversas, assim como de corpos com características diversas.

Significados acerca do corpo são construídos, veiculados, afirmados e reafirmados por meio de inúmeros processos e instâncias educativas as quais nos interpelam, através de saberes que se exprimem pelo que é exibido e pelo que é ocultado (GOELLNER, 2013).

Dentre estas várias instâncias educativas, a mídia destaca-se enquanto decisiva. A partir de seus artefatos culturais – programas de TV, livros, filmes, revistas, outdoors, propagandas, internet... – por meio de seus dispositivos pedagógicos<sup>21</sup> o corpo é produzido, controlado, falado, representado e normalizado: “[...] ao tomar a TV como objeto de estudo, um dos temas imprescindíveis é justamente o da normalização de nossos corpos e mentes [...]” (FISCHER, 2013, p. 48).

Destacamos aqui um investimento midiático sobre o corpo: o quadro televisivo “Medida Certa”, exibido pelo programa dominical “Fantástico” da TV Globo, no período

---

<sup>21</sup> A ideia de dispositivo pedagógico midiático é utilizada para caracterizar os crescentes investimentos midiáticos sobre os sujeitos, veiculando saberes e traçando formas de subjetivação pautadas em relações de poder (FISCHER, 2012). Este é um conceito que vincula-se aos Estudos Foucaultianos. O dispositivo pedagógico da mídia é descrito, por tanto, “[...] como um aparato discursivo (já que nele se produzem saberes, discursos) e ao mesmo tempo não discursivo (uma vez que está em jogo nesse aparato uma complexa trama de práticas, de produzir, veicular e consumir TV, rádio, revistas, jornais, numa determinada sociedade e num certo cenário social e político), a partir do qual haveria uma incitação ao discurso sobre “si mesmo”, à revelação permanente de si; tais práticas vêm acompanhadas de uma produção e veiculação de saberes sobre os próprios sujeitos e seus modos confessados e aprendidos de ser e estar na cultura em que vivem.” (FISCHER, 2002, p. 155).

entre 2011 a 2015. O quadro configurou-se enquanto uma atração televisiva de cunho jornalístico do tipo *Reality Show* onde os participantes foram submetidos a um programa de treinamento físico e mudanças alimentares com o objetivo de “reprogramar o corpo em 90 dias” (CAMARGO; CERIBELLI; ATALLA, 2011).

A proposta foi desenvolvida e exibida em várias temporadas, com diferentes formatos: “Medida Certa Fenômeno”, em 2012 com o ex-jogador de futebol Ronaldo Nazário, “Medida Certa: A disputa”, em 2013, com Fábio Porchat, Preta Gil, Gaby Amarantos e César Menotti; e “Medida Certa: O Condomínio”, exibida no ano de 2015. Além das ações articuladas entre grupos como o SESC em 2011 e 2012, as “Caminhadas Medida Certa” e o “Medidinha Certa”. No entanto, apenas o precursor de tais formatos será alvo central deste artigo.

Em geral, a proposta de “reprogramação” do corpo é apresentada tendo como intuito “[...] emagrecer, afinar a silhueta e turbinar o pique em noventa dias.” (CAMARGO; CERIBELLI; ATALLA, 2011, p. 270). Saberes acerca do corpo, foram divulgados e/ou produzidos, buscando enquadrar os corpos dos participantes – e dos telespectadores – na “medida certa”.

Neste sentido, este trabalho tem como objetivo analisar os discursos midiáticos do quadro televisivo “Medida Certa” em sua primeira edição e formato, discutindo os possíveis mecanismos de normalização referentes ao corpo presentes nos discursos do quadro.

Para tanto, analisamos os episódios referentes à primeira temporada, bem como o livro resultante da experiência vivida pelos participantes. Esta escolha baseia-se na perspectiva de que, além de ter sido precursora, esta temporada parece se destacar como tendo maior abrangência<sup>22</sup>, bem como maiores índices de audiência<sup>23</sup> em relação às temporadas posteriores. Considera-se também a grande aceitação e comercialização do livro “Medida Certa: Como chegamos lá!”<sup>24</sup>, não havendo até o momento produções literárias a partir de nenhuma outra temporada.

Sendo acompanhado pelo professor de Educação Física Marcio Atalla, o “Medida Certa” foi e ainda é veículo de difusão/produção de saberes acerca do corpo, mobilizando de

<sup>22</sup> Índícios desta abrangência são expressos pela grande mobilização nas ações derivadas da primeira temporada do quadro, “Caminhadas Medida Certa”, que movimentou “54 mil em 11 capitais do país” e o “Medidinha Certa”, que reuniu cerca de 50 mil pessoas. Outras considerações acerca da abrangência do quadro referem-se à presença de suas influências em políticas públicas: “Diversas escolas, secretarias de saúde de municípios, e de estados instituíram programas tendo o “Medida Certa” como o seu principal referencial instrumental de divulgação.” (KNUTH; RIGO, 2013, p. 136).

<sup>23</sup> Ver: <<http://gente.ig.com.br/antes-e-depois-na-balanca-com-zeca-camargo/n1596990097293.html>>.

<sup>24</sup> Décimo livro mais vendido nas livrarias de Curitiba na primeira semana de 2012 na categoria “não ficção”. Ver: <[http://www.apoiocomunicacao.com.br/visualizar/registro.php?id=2880&page\\_name=noticia&index=>](http://www.apoiocomunicacao.com.br/visualizar/registro.php?id=2880&page_name=noticia&index=>)>.

alguma maneira os sujeitos a se posicionarem acerca de seu corpo, sua silhueta, seu peso e sua saúde<sup>25</sup>.

Neste contexto, os estudos midiáticos proporcionam importantes elementos para compreendermos nossa cultura e modos de ser na contemporaneidade: ““Desmanchar” os materiais televisivos, através de um trabalho pedagógico sério e criativo, significa operar sobre a mídia e a publicidade, dois dos setores que mais crescem na sociedade contemporânea [...]” (FISCHER, 2013, p. 31) (grifos do autor).

Encarar o corpo para além de suas carnes, visualizar seus processos de construção, as imbricações contidas nestes processos, às relações de poder que os permeiam, pode ser objeto de grande interesse da Educação Física enquanto área de conhecimento, sendo o estudo dos discursos midiáticos um dos possíveis caminhos para a abordagem desta temática nos mais variados âmbitos onde atualmente a área se insere.

## 2 METODOLOGIA

Foram analisados os discursos referentes à primeira temporada do quadro televisivo “Medida Certa”, veiculado aos domingos no canal Globo de televisão, em rede aberta, no ano de 2011, nos meses de abril (03/04/2011) a junho (26/06/2011) em 12 episódios – cada episódio tinha duração média de quinze minutos – e o livro “Medida Certa: Como chegamos lá” (Editora Globo), resultado da experiência vivida pelos participantes nesta temporada. Caracteriza-se a coleta dados a partir de fonte documental de meio audiovisual e meio impresso<sup>26</sup>.

Pesquisa de cunho qualitativo com caráter descritivo-explicativo (GIL, 2008)<sup>27</sup>. Os capítulos do quadro foram assistidos através do site de mídias audiovisuais YouTube, em três momentos: um momento de aproximação com o objeto; um momento para classificação a partir do Roteiro de Análise e um último momento para transcrições para análise.

A fim de uma leitura que possa dar conta da multiplicidade de formas de produzir os corpos na cultura, decidiu-se por uma análise a partir dos pressupostos destacados por Fischer

<sup>25</sup> Isto também é percebido por Bortolazzo e Machado (2014) que analisam as formas de produção de “verdades” no “Medida Certa”, sobre o corpo e a saúde a partir da fala de “especialistas”.

<sup>26</sup> Considera-se a pesquisa documental enquanto um método que “[...] recorre a materiais que ainda não receberam tratamento analítico, ou seja, as fontes primárias.” (SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009, p. 6). Neste caso, os documentos são os registros dos episódios e o livro redigido pelos participantes do *reality show*.

<sup>27</sup> De acordo com os pressupostos de Gil (2008): descrição das características do objeto, utilização de técnica padronizada de coleta de dados, estabelecimento de relações entre os dados coletados e o contexto histórico, político, social e cultural, bem como discussão destas reações existentes, na tentativa de identificar fatores determinantes para sua construção.

(2012), com base nos elementos de análise de discurso na perspectiva foucaultiana. É necessário “[...] trabalhar arduamente com o próprio discurso, deixando-o aparecer na complexidade que lhe é peculiar.” (FISCHER, 2012, p. 74).

O discurso midiático faz agir suas engrenagens produtivas a partir da linguagem, ao se apropriar de significações e representações sociais historicamente construídas. A linguagem midiática abrange textos, imagens, sons, cenografias, figurinos, cortes, edições, trazendo interpelações e produzindo efeitos sobre os indivíduos.

Desta maneira entendemos os discursos como “[...] o conjunto de enunciados de um determinado campo de saber, os quais sempre existem como prática.” (FISCHER, 2013, p. 77). O discurso enquanto prática social não se limita apenas a um conjunto de signos, pois além de ser constituído no interior de nossas práticas, também às constitui, possui temporalidade, contexto de produção/veiculação de saberes – ou campos de saberes – e é permeado por relações de poder (FISCHER, 2012).

Neste contexto valemo-nos da proposta de Fischer (2013) para análise de produtos televisivos sistematizada no quadro de Roteiro de Análise a seguir:

Quadro 1 – Roteiro de Análise.

Que tipo de programa é esse?	Quais os objetivos deste artefato?	Qual a estrutura básica do programa?	De que trata esse programa?	Com que linguagens se faz este produto?	Que relações fazer entre esse artefato da mídia e outros problemas, teorias, ou temáticas e interesse para a educação?
Gênero, cunho e tipo do programa analisado. Relação do público com o tipo de programa, os limites entre a realidade e a ficção e suas características específicas.	“Quem este programa pensa que você é e quem ele quer que você seja?” Estratégias de veiculação, a quem se endereça; objetivos em relação ao público alvo. Emissora, horário e periodicidade.	Tempo total do programa e duração de cada parte; modos de construir cada parte; recursos de linguagem em cada seguimento; linearidade de composição.	Qual a temática tratada; quem são as vozes autorizadas e de que lugar social e/ou individual falam; porque os participantes daquele programa estão ali.	Distribuição do texto em relação às imagens; sonorização; utilização dos espaços. Considerar o produto dentro do conjunto da programação de uma emissora e dentro do conjunto de toda oferta. Espaços para fazer a comunicação; encadeamento das sequências de imagens; ritmo do programa, velocidade das imagens; planos e panoramas com enfoque.	Ao que remete o programa; como relacionar seu conteúdo transmitido ao telespectador com o trato pedagógico escolar? De quais discursos/representações sociais trata; teorias as quais se relaciona.

Fonte: Proposta de Roteiro de Análise de produtos televisivos (FISCHER, 2013).

Necessita-se uma atenta observação dos enunciados no sentido de compreender suas referências – sobre o quê tratam –, seu endereçamento, ou representação social – de quem, ou para quem falam –, seus campos associativos – ao que se relacionam ou em que campos de saberes se baseiam – e sua materialidade específica – onde se repetem/reproduzem, de que forma são disseminados –, observando também o enunciador, destacando qual o seu lugar, de onde fala bem como de que maneira se dá sua inserção no campo de saber que representa (FISCHER, 2012).

### 3 MECANISMOS NORMALIZADORES DO CORPO: INFLUÊNCIAS POLÍTICAS, SOCIAIS E HISTÓRICAS

Historicamente, o corpo têm sofrido inúmeras intervenções, vinculadas primordialmente aos contornos da carne. Este processo, ressalvadas as diferenças e especificidades históricas, advém de determinados investimentos sob o indivíduo e sob a população, com raízes em pelo menos meados do século XVII, quando emerge a noção de corpo<sup>28</sup>.

Dá-se, inicialmente uma acomodação de mecanismos disciplinares sobre o corpo individual, o homem-corpo, que é operado a partir de sua separação, alinhamento, classificação e vigilância (FOUCAULT, 1999). Para a utilização plena e desenvolvimento da docilidade do corpo, este é manipulando a minúcia. Instaura-se em meados do século XVII uma anátomo-política do corpo humano: “[...] uma política das coerções, que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos.” (FOUCAULT, 2007, p. 119).

Em meados do século XVIII, vê-se emergir um poder classificado diferenciadamente, que não exclui, mas abrange o poder disciplinar. Um poder que centra a governamentalidade<sup>29</sup> do Estado no homem-espécie, que Foucault (1999) denominou enquanto biopolítica. Esta biopolítica extrai seus saberes dos estudos demográficos através de medições estatísticas, definindo seu campo de intervenção e exercendo seu poder sobre o homem-espécie, a partir de uma regulamentação, de mecanismos reguladores ou ainda como por vezes definido por Foucault (2008) mecanismos de previdência.

Assim, Foucault (1999, p. 298) resume os processos de poder sobre o corpo individual e sobre a população: “Temos, pois, duas séries: a série corpo – organismo – disciplina – instituições; e a série população – processos biológicos – mecanismos regulamentadores – Estado.”.

Os mecanismos disciplinares e os mecanismos regulamentadores estão articulados entre si nas várias instâncias sociais, a fim de garantir que o biopoder possa exercer plena

---

<sup>28</sup> No decorrer da Idade Média, o corpo figurava enquanto morada da alma, local onde se concretizavam os pecados da carne. Estes dualismos – carne/alma, corpo/mente – são ressignificados quando, da carne cristã, passa-se à percepção de corpo enquanto matéria, a partir de Descartes e o conceito de *res extensa*, no século XVII. Este processo de corporificação da carne cristã, porém, não se dá de forma linear. Os pecados da carne, em destaque a gula e a luxúria, são ainda no século XVII sinônimos de uma intemperança, prejudicial ao indivíduo. (SANTOLIN, 2013).

<sup>29</sup> Governamentalidade é um conceito utilizado por Foucault (2008) referente não apenas as práticas de regulamentação da população por parte do Estado, mas a forma como se conduz a conduta humana em geral.

influência. Neste sentido é na norma onde se pode perceber a coexistência da disciplina e da regulamentação:

De uma forma mais geral ainda, pode-se dizer que o elemento que vai circular entre o disciplinar e o regulamentador, que vai se aplicar, da mesma forma, sobre o corpo e à população, que permite a um só tempo controlar a ordem disciplinar do corpo e os acontecimentos aleatórios de uma multiplicidade biológica, esse elemento que circula entre um e outro é a norma. A norma é o que pode tanto se aplicar a um corpo que se quer disciplinar quanto a uma população que se quer regulamentar. (FOUCAULT 1999, p. 302).

Foucault (2008) destaca um caráter primitivamente intrínseco à normalização disciplinar: a prescrição. No entanto, a normalização disciplinar dá-se a partir da norma já estabelecida<sup>30</sup>. Já na normalização a partir do biopoder tem-se o inverso. Define-se o normal e o anormal, a partir dos estudos demográficos e medições estatísticas bem como dos novos procedimentos médicos de variolização/vacinação, delineando-se as noções de caso, risco, perigo e crise, e somente a partir de então é traçada uma curva normal onde às técnicas dos dispositivos de segurança<sup>31</sup> intervirão para manutenção dos índices estatísticos da população dentro da normalidade (FOUCAULT, 2008).

Neste contexto, percebe-se na atualidade uma grande influência midiática, com uma “[...] crescente ênfase discursiva a favor do envolvimento com (auto)disciplina e normas de comportamento na busca de se promover uma “boa saúde”” (OLIVEIRA et al, 2010, p. 31-32) (Grifos do autor). Suas estratégias discursivas vêm corroborando com a captura dos corpos na curva normal. Neste contexto, a promoção e manutenção da saúde vinculam-se a uma educação do corpo, garantida pelo êxito do poder disciplinar abarcado pela biopolítica, consolidando novos modelos de governamentalidade.

#### **4 DISCURSOS MIDIÁTICOS DO “MEDIDA CERTA”: OBJETIVOS, ESTRUTURA, LINGUAGEM, REFERÊNCIAS E RELAÇÕES**

O quadro televisivo “Medida Certa” constitui-se enquanto atração de cunho jornalístico, do tipo *reality show*, transmitida pelo “Fantástico”, programa de características jornalísticas e de entretenimento, que há 40 anos compõe o quadro de programação da TV

<sup>30</sup> Para Foucault (2008) este primeiro esboço da norma lhe parece mais uma normação que efetivamente uma normalização.

<sup>31</sup> Os dispositivos de segurança resumem-se basicamente em um conjunto de técnicas de regulação da realidade por elementos prescritivos (FOUCAULT, 2008).

Globo, destacando-se enquanto “Revista eletrônica pioneira na televisão mundial [...]”<sup>32</sup>. O quadro foi figurado por dois protagonistas e apresentadores, Renata Ceribelli e Zeca Camargo. Suas estratégias de veiculação foram ostensivas e flutuaram em vários meios. O quadro originou o livro “Medida Certa: Como chegamos lá!”, o blog interativo, e aplicativo para *smartphones*.

Lançado após o término das gravações do quadro, o livro configura-se em um estilo autobiográfico, com grande cunho informativo e certo caráter prescritivo. Narra em primeira pessoa à rotina vivida pelos participantes da primeira edição, contando suas trajetórias de vida, e experiências a partir da reprogramação corporal. A cada semana há os relatos individuais dos participantes, seguidos de um capítulo informativo acerca da temática de destaque, com a presença de tabelas e indicações alimentares e de atividades físicas.

Os participantes foram vistoriados em sua rotina diária, vezes com a câmera em posição de observador, dando a ideia de que o telespectador está realmente observando presencialmente o que se passa. Outras vezes os participantes interagem com a câmera, como se dialogassem com o telespectador. Além disso, em diversas oportunidades os apresentadores foram “cobrados”, “controlados” por telespectadores nas ruas, em situações de treinos, na praia, em aeroportos ou restaurantes.

A princípio, o programa é feito para apresentar ao público apenas a realidade vivida cotidianamente pelos participantes. No entanto há situações induzidas, como os testes impostos pela produção aos participantes, caso do almoço do Zeca na casa de sua mãe ou o deslocamento da Renata para cobertura jornalística em Gramado.

Antes da vinheta do quadro havia a chamada do mesmo pelos apresentadores do “Fantástico”: “Aprendendo e ensinando.” (FANTÁSTICO, 03/04/2011), “*Vamos falar agora de saúde?*” (Fantástico, 24/04/2011), “*Mas a ideia é essa! Entrar na medida certa está ao alcance de todo mundo*” (FANTÁSTICO, 24/04/2011), “[...] *toda ajuda é bem vinda em busca da medida certa.*” (FANTÁSTICO, 08/05/2011), “*Um tá muito bem, tá fininho. Vamos ver então o que ele fez pra chegar lá?*” (FANTÁSTICO, 15/05/2011), “*Reprogramar o corpo, emagrecer, perder, medidas...*” (FANTÁSTICO, 03/04/2011).

A vinheta do quadro mostra Renata e Zeca sendo “conferidos” de todos os ângulos. Uma espécie de planilha com prontuários médicos, mensagens relativas ao nível sérico de leucócitos, hemoglobina, hemácias é mostrada junto à figura dos participantes, aludindo ao *check up* geral pelo qual os participantes devem passar para determinar suas medidas a serem

<sup>32</sup> Ver: <<http://memoriaglobo.globo.com/mostras/fantastico-40-anos.htm>>.

normalizadas. Depois aparecem de costas um para o outro, no centro de uma forma circular, onde serão vistos de todos os lados.

São feitas tomadas em locais estratégicos como restaurantes, ambientes de academia e ambientes externos, como as praias do Rio de Janeiro, onde ocorre uma parte das atividades realizadas no quadro. É portanto característico desenvolver atividades em ambiente público, incentivando a participação dos telespectadores.

Há também as dicas de saúde dadas pelas vozes autorizadas, em destaque o professor de educação física Márcio Atalla. Outros personagens frequentes são as nutricionistas, havendo distintas profissionais no decorrer da temporada, trazendo dicas de compras no supermercado, de preparação dos pratos na cozinha do Zeca ou de montagem do prato no buffet por quilo.

Os depoimentos de Renata e Zeca são mostrados algumas vezes no decorrer da temporada, sendo a confissão uma técnica de linguagem de destaque do quadro. Os personagens relatam os desafios a partir de seu ponto de vista, com os sentimentos e dificuldades que enfrentam. No blog interativo do quadro destacavam-se alguns depoimentos dos telespectadores que aderiram à proposta de reprogramação, gravados através do aplicativo para smartphones.

Em geral o quadro termina com uma informação ao público referente à temática principal da semana, bem como outros incentivos à prática da proposta de reprogramação corporal. Há também o incentivo por parte de Márcio Atalla para que os participantes relatem como estão se sentindo, reforçando a ênfase na técnica de confissão. Percebe-se um esforço em evidenciar que os ganhos dos participantes com a reprogramação são possíveis mesmo com a rotina de vida e trabalho acelerados, demonstrados pelo jogo rápido de câmeras remetendo a um “corre-corre”.

O discurso produzido pelo quadro vincula-se ao campo científico biológico, veiculando saberes relativos ao processo de emagrecimento e obtenção de um “estilo de vida saudável”. Estes saberes constituem-se enquanto agentes produtores dos corpos de Renata e Zeca, para o qual falam – e por consequência, para os telespectadores. Isso pode ser percebido facilmente no decorrer dos episódios quando os participantes “colocam em prática” o conhecimento adquirido, reduzindo suas medidas e peso corporal.

Percebe-se um esforço em fazer com que seus corpos atinjam medidas ideais aos parâmetros de saúde. Periodicamente são monitorados e reavaliados, sendo revistas suas medidas antropométricas, passando por testes e medidas de composição corporal e bioquímica em diferentes profissionais do campo da saúde. Obtêm-se parâmetros sob os quais são

traçados objetivos para a adequação dos corpos aos ideais de normalidade. Estes parâmetros são igualmente divulgados, como aqueles para definição de obesidade, por exemplo, enfatizando qual a quantidade necessária de perda de peso para atingir-se uma média ideal. Neste sentido as estratégias são compostas em torno de uma captura dos corpos na curva normal dos parâmetros biológicos estabelecidos.

Esta relação entre a mídia e a normalização dos corpos em prol de ideários de saúde, também é percebida por Oliveira et al (2010, 32):

Na literatura científica biomédica ou em suas construções contemporâneas que ecoam na mídia, é possível encontrar uma extensa variedade de discursos advogando a relação entre “corpos em forma” e a ideia de evitar riscos à saúde. O pensamento probabilístico tem sido utilizado hegemonicamente como ferramenta fundamental de convencimento dessa relação.

Como já visto, os estudos demográficos através de medições estatísticas subsidiam uma consolidação de parâmetros biométricos de saúde, numa intrínseca relação com a noção de risco, colocando qualquer variação na curva de normalidade em posição de perigo, dando subsídios aos discursos normalizadores (SANTOLIN, 2013).

Com a possibilidade de uma expectativa da distribuição de casos normais em uma população, traçam-se curvas de normalidade onde as técnicas dos dispositivos de segurança agirão (FOUCAULT, 2008). Neste contexto, a promoção e manutenção da saúde torna-se uma questão de segurança, onde as técnicas prescritivas serão utilizadas na condução da conduta humana, ou seja, em sua governamentalidade. A saúde, com o êxito do poder disciplinar, no contexto da biopolítica, passa a ser encarada enquanto conquista individual, obtida com o seguimento a risca das prescrições dadas.

Não se trata de ignorar a importância e cientificidade de tais medidas no campo da saúde e sim de como os profissionais e por consequência o discurso midiático tramam estes conhecimentos com uma sinalização de perigo. Desta forma, ao se dirigirem à população em um programa televisivo de elevado alcance, estas informações são veiculadas em regimes de verdades absolutas e em tom alarmista.

O fator decisivo para a escolha de Zeca e Renata não está baseado em parâmetros bioquímicos de saúde, vez que seus exames foram realizados apenas após o início do quadro. A escolha baseia-se no perfil corporal destes e em suas mudanças estéticas no decorrer do tempo em que atuam como jornalistas da TV Globo. Isso fica claro tanto no livro quanto no quadro, com as várias imagens destacadas dos personagens e suas falas acerca de suas

mudanças físicas e insatisfações com sua autoimagem: “*Eu nunca fui magrinha!*” (Fantástico, 03/04/2011) diz Renata. Zeca desabafa, ainda que em tom de brincadeira “*Chega uma época na vida de um homem em que ele tem que olhar para o espelho e dizer: Estou gordo. Estou acabado. Talvez não tenha caminho de volta.[...]*” (Fantástico, 03/04/2011). No decorrer da temporada produzem-se investimentos sobre os corpos ao passo que se produzem também representações de saúde e beleza numa concepção claramente vinculada a aspectos biológicos.

Esta preocupação estética sobre o corpo gordo é antiga.<sup>33</sup> No entanto, “[...] a transformação do embelezamento em *gênero de primeira necessidade* marcou profundamente o século XX.” (SANT’ANNA, 2014, p.16) (grifos do autor). Principalmente a partir da década de oitenta, a ginástica figura junto à promoção midiática de corpos atléticos, jovens e sexualmente desejáveis, dando origem a uma tendência que Sant’Anna (2014) denomina hipersaúde: é imperativo estar 100% saudável, “sarado”.

No que se refere às produções midiáticas televisivas, uma das características decisivas da linguagem é o que se chama Endereçamento, uma busca incessante que o outro a quem se dirige se reconheça na produção: “[...] uma interpelação do sujeito, uma mobilização desse outro em direção ao que lhe desejamos dizer.” (FISCHER, 2013, p. 31).

No “Medida Certa” temos que os participantes principais na temporada analisada falam de uma posição específica, com reconhecimento por parte do público, passando ideia de intimidade, reforçada pela linguagem própria do *reality show*.

Assim o quadro remete ao público adulto, em idade produtiva, com trabalho e vida corrida, como os participantes do quadro. Demonstra-se a esse telespectador uma gama de opções, condições, locais e atividades, a partir do exemplo vivido pelos participantes, para uma reprogramação corporal que caiba em diferentes rotinas de vida e trabalho. Munidos de saberes e exemplos os telespectadores poderiam controlar suas rotinas diárias para atingir a “medida certa”.

Algumas informações são exaustivamente divulgadas justamente com tal intuito, com destaque, a recomendação de 150 minutos semanais de atividades físicas por semana. Márcio Atalla utiliza técnicas para garantir o cumprimento desta cota, como o uso de sensores de movimento (pedômetro) e prescrição de exercícios variados. Além das recomendações de

---

<sup>33</sup> Uma forte vinculação entre doença/pecado, que perdurou ao menos até meados do século XVII, talvez possa ser tomada enquanto origem de uma condenação do corpo gordo. A glotonaria – ato de comer em demasia – o antigo pecado da gula, deixava implícita aos corpos gordos uma responsabilidade vinculada à intemperança e a imoralidade. Para Santolin “[...] delineia-se uma proto culpabilização do sujeito por sua doença [...]” (2013, p. 65). ou uma “[...] proto patologização da feiura.” (2013, p. 81).

atividades físicas há também as de alimentação, onde cinco regras devem ser seguidas pelos participantes e que “[...] *todo mundo pode seguir: Fracionar a refeição; dois: diminuir consumo de gordura, principalmente as gorduras saturada; aumentar o consumo de fibras; quatro: aumentar o consumo de água; e quinto: diminuir sal e açúcar da alimentação.*” (FANTÁSTICO, 17/04/2011).

As recomendações são apresentadas no quadro com caráter prescritivo, o que remete novamente aos dispositivos de segurança como descritos por Foucault (2008). O êxito do poder disciplinatório garantiu a permanência do caráter prescritivo nas técnicas biopolíticas de regulação para a governamentalidade da população. Vinculada a esta prescrição estão os procedimentos médicos de inoculação, que possuem algumas características destacáveis: “[...] primeiro de serem absolutamente preventivas, segundo de apresentarem um caráter de certeza, de sucesso quase total, terceiro de poderem, em principio e sem dificuldades materiais ou económicas maiores, ser generalizáveis a população inteira [...]” (FOUCAULT, 2008, p. 76). Neste contexto a proposta do “Medida Certa” enquadra-se enquanto estratégia de inoculação da população, vez que há claramente uma extrapolação da proposta ao telespectador.

A intenção de extrapolação se exemplifica, nas falas da Renata: “*Ok, nessa nova vida, estar longe de casa não é desculpa para deixar o exercício de lado. Isso não vale só pra mim não, hein! Vale pra você aí de casa também!*” (FANTÁSTICO, 17/04/2011); ou “*Vamos lá mulheres, em busca de um tchauzinho com dignidade. Em qualquer cadeira de casa também dá pra fazer isso!*” (FANTÁSTICO, 17/04/2011) onde Renata chama as mulheres aos exercícios de tríceps braquial. “*É fácil e vale a pena repetir em casa*” (Renata) (FANTÁSTICO, 17/04/2011).

O aplicativo foi desenvolvido também com este fim. Qualquer pessoa com aparelho compatível poderia ter acesso à proposta de reprogramação, levá-la no bolso e utilizá-la para atingir a “medida certa”. No aplicativo assim como no blog interativo os telespectadores podiam realizar os cálculos mais importantes como o de Índice de Massa Corporal (IMC), risco cardiovascular e percentual de gordura, tendo acesso a dicas para hábitos alimentares saudáveis bem como para um estilo de vida “ativo”.

Márcio Atalla, profissional que acompanha os apresentadores é o grande enunciador. Figura munida de saberes acerca do corpo e das atividades físicas, Atalla é o contraponto dos dois protagonistas. Mostrado sempre ativo, já no primeiro episódio é evidenciada sua disposição física, com imagens suas praticando exercícios de musculação enquanto ao fundo sua fala destaca seu currículo profissional, sua formação em Educação Física e sua experiência em formulação de rotinas para incorporação de atividades físicas ao dia a dia e

melhora de estilo de vida. Atalla representa a figura devidamente autorizada a tratar do assunto, bem como representa o indivíduo ativo que inspira outros indivíduos a aderirem à nova rotina.

Além de Atalla, há a participação constante de outros profissionais como vozes autorizadas para legitimar a proposta de intervenção, como médico cardiologista, nutricionistas, outros profissionais ligados as práticas de atividades físicas como um *personal trainer* que trabalha com Zeca no decorrer de sua férias em Paris, uma professora de dança indiana que dá aulas ao Zeca, outros profissionais presentes nas academias frequentadas pelos participantes e por vezes alguns atletas.

A confiança no saber e a busca por profissionais é percebida no “Medida Certa”, onde os protagonistas estão às voltas de profissionais a todo tempo, seja de Educação Física, Nutrição ou Medicina. Tais perspectivas além de enquadrarem todos os telespectadores em um cuidado tutelado por profissionais não se sustenta na realidade cotidiana da maior parte da população, já que um cuidado de diferentes profissionais traria repercussões financeiras importantes para a vida das pessoas, portanto também trata-se de uma rotina improvável para os telespectadores. Após confiar em um profissional especializado e te uma vida equilibrada basta um próximo passo: “agir”.

## **5 A “MEDIDA CERTA” DO CORPO: CONCLUSÕES ACERCA DA ANÁLISE DO QUADRO**

Ao analisarmos o quadro televisivo “Medida Certa” em sua primeira edição e formato, fica evidente a presença de mecanismos normalizadores referentes ao corpo presentes na construção de seus discursos. O caráter prescritivo, e o grande esforço para difusão de discursos oriundos dos saberes científicos biológicos, definidos a partir dos parâmetros de saúde veiculados, são grandes exemplos da operacionalização desta normalização.

Um aparato linguístico próprio da mídia foi utilizado enquanto promotor de novas formas de exercer determinadas influências na conduta humana. No “Medida Certa”, vozes autorizadas tratam acerca do corpo e da saúde a partir de um vocabulário interpelativo, ditando receitas para uma “reprogramação corporal”.

Ao ocupar-se de ensinar modos de ser e estar aos indivíduos na contemporaneidade, a partir de seu vasto aparato de linguagem, o “Medida Certa” executa complexos processos de comunicação que objetivam, dentre outras coisas, construir sujeitos conformados a determinadas padrões e relações de poder. Estas características observadas enquadram-se no

que Fischer (2002; 2012) denominou enquanto dispositivo pedagógico midiático, ou dispositivo pedagógico da mídia.

Há, portanto, um potencial impregnado ao “Medida Certa” de veiculação, criação e/ou reforço de significados e representações ideais, disseminadas enquanto normas. Estas normas reforçam, naturalizam, constroem e produzem significados e representações sociais, acerca da saúde e da manutenção de um “estilo de vida saudável”.

Esta pesquisa não teve como intuito questionar a veracidade dos saberes científicos transmitidos pelo quadro, nem testar sua aplicabilidade no cotidiano de qualquer coletivo, grupo ou população. O que se teve foi um interesse específico pelos discursos veiculados pelo “Medida Certa”, considerando para a análise as várias formas e estratégias de veiculação as quais o quadro se estendeu, tais como o livro, o blog e o aplicativo para smartphones.

No entanto, ainda que com clara intenção generalizável, alguns aspectos do “Medida Certa” evidenciam uma fragilidade na generalização da proposta. Não nos parece acessível à boa parte da população a análise criteriosa e multiprofissional a qual os participantes do quadro tiveram acesso, oriundas de atendimentos privados com procedimentos sofisticados. Tampouco as diferentes práticas de atividade física em distintas academias parecem ser de incorporação cotidiana simples para a população em geral, sendo limitada a uma pequena parcela. O quadro parece se dirigir à grande população, enquanto estratégia biopolítica, mas não relativiza seus discursos para as diferenças econômicas e sociais marcantes em nosso país.

Por fim cabe o questionamento: com tanta distância do que fora veiculado com a realidade vivida pela maioria dos telespectadores, tais condutas e conhecimentos, não ficam cada vez mais em oposição e sem sentido para o cotidiano das pessoas? Estas e outras questões podem ainda ser exploradas em novos olhares acerca deste dispositivo midiático televisivo.

## REFERÊNCIAS

BORTOLAZZO, Sandro Faccin; MACHADO, Roseli Belmonte. A mídia incitando estilos de vida saudáveis: Uma análise do quadro “medida certa” do Programa fantástico. **Caderno de Educação Física e Esporte**, Marechal Cândido Rondon, v. 12, n. 1, p. 75-83, jan. 2014.

CAMARGO, Zeca; CERIBELLI, Renata; ATALLA, Márcio. **Medida Certa: Como Chegamos lá!** São Paulo: Globo, 2011.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 1, n. 28, p. 151-162, jan/jun. 2002.

\_\_\_\_\_. **Televisão e Educação: Fruir e pensar a TV**. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

\_\_\_\_\_. **Trabalhar com Foucault: Arqueologia de uma paixão**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. 33 ed. Petrópolis: Vozes, 2007. Tradução de: Surveiller et punir.

\_\_\_\_\_. Aula do dia 17 de março de 1976 . In: \_\_\_\_\_. Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975 – 1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 285 - 315.

\_\_\_\_\_. **Segurança, Território e População**: curso no Collège de France (1977 – 1978). São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 73 - 116.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (org). **Corpo, Gênero e Sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 30-42.

KNUTH, Alan Goularte; RIGO, Luiz Carlos. Desafios contemporâneos para a educação física: considerações sobre “medida certa” e a sociedade de controle. In: SANTOS, Rita de Cássia Grecco dos (org.). **Sociologia da Educação**: Debates contemporâneos e emergentes na formação de professores. Rio Grande: FURG, 2013.

OLIVEIRA, Alexandre Palma de; et al. Culto ao corpo e exposição de produtos na mídia especializada em estética e saúde. *Movimento*, Porto Alegre, v. 16, n. 01, p. 31-51, jan./mar., 2010.

SANT’ANNA, Denise Bernuzzi. **História da Beleza no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014.

SANTOLIN, Cezar Barboza. **O nascimento da obesidade**: um estudo genealógico do discurso patologizante. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2013.

SILVA, Jackson Ronie Sá; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**. Ano 1, n 1, jul. 2009.

VIGARELLO, Georges. **História da Beleza**: O corpo e a arte de se embelezar, do Renascimento aos dias de hoje. Tradução de Léo Schlafman. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006. Tradução de: Histoire de la beauté.

## 4 CONCLUSÃO

Ao analisarmos este relevante instrumento midiático no qual se constituiu o “Medida Certa”, no que se refere aos investimentos sobre o corpo na contemporaneidade, compreendemos basicamente as suas formas de construção, suas estratégias de linguagem, suas referências, seu endereçamento bem como pudemos traçar quais as relações com mecanismos de poder e normalizadores ali presentes.

Neste sentido destacamos o caráter informativo, ou mesmo pedagógico do “Medida Certa”, o grande esforço para difusão dos discursos oriundos dos saberes científicos biológicos, a veiculação de parâmetros de saúde, as estratégias de endereçamento a partir da aproximação da realidade dos participantes com a dos telespectadores, enquanto os grandes exemplos de mecanismos normalizadores presentes.

No entanto, esta pesquisa não teve como intuito questionar a veracidade dos saberes científicos transmitidos pelo quadro, nem testar sua aplicabilidade no cotidiano de qualquer coletivo, grupo ou população. O que se teve foi um interesse específico pelos discursos veiculados pelo “Medida Certa”, considerando para a análise as várias formas e estratégias de veiculação as quais o quadro se estendeu, tais como o livro, o blog e o aplicativo para *smarphones*.

Neste sentido, nos parece que a pesquisa correspondeu ao seu objetivo, a partir de um trabalho analítico intenso de desmembramento do quadro através de um roteiro que considerou o objeto de análise em toda sua complexidade estrutural própria.

Reconhecemos neste estudo uma nova maneira de olhar para a mídia em geral no que se refere às questões de corpo, saúde e beleza, trazendo apontamentos acerca de uma análise midiática comprometida com a observação ampla dos aspectos sócio-históricos e políticos, considerando as influências das relações de poder. Esta análise pode ser de grande valia ao âmbito acadêmico da educação física, que muitas vezes encontra-se limitado meramente aos aspectos biológicos reproduzindo discursos reducionistas e normalizadores.

Por fim, reconhecemos mais uma vez a grande necessidade de considerarmos o corpo para além das questões meramente biológicas, pensarmos e repensarmos suas influências, trazendo diretrizes para uma desconstrução dos pressupostos dados atualmente.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Sandra dos Santos. Saúde e beleza do corpo feminino: Algumas representações no Brasil do Século XX. **Movimento**, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 119-143, jan./abr. 2003.

ARAUJO, Denise Castilho; LEORATTO, Daniele. Alterações da silhueta feminina: A influência da moda. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, Florianópolis, v. 35, n. 3, p. 717-739, jul./set., 2013.

BEZERRA, Hudson Pablo de Oliveira. Educação em Saúde e mídia: Uma proposta na “Medida Certa”. **Praxia**, Goiânia, n. 2, v. 1, p. 80- 97, maio 2013.

BRITTOS, Valério Cruz; Édson Luis GASTALDO. Mídia, Poder e Controle Social. **ALCEU**, Rio de Janeiro, n. 13, v.7, p. 121 – 133, jul. 2006.

BORTOLAZZO, Sandro Faccin; MACHADO, Roseli Belmonte. A mídia incitando estilos de vida saudáveis: Uma análise do quadro “medida certa” do Programa fantástico. **Caderno de Educação Física e Esporte**, Marechal Cândido Rondon, v. 12, n. 1, p. 75-83, jan. 2014.

CAMARGO, Zeca; CERIBELLI, Renata; ATALLA, Márcio. **Medida Certa: Como Chegamos lá!** São Paulo: Globo, 2011.

CORBIN, Alain. **História do Corpo: 2. Da Revolução à Grande Guerra.** 2 ed. Petrópolis, RJ, editora Vozes, 2008.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 1, n. 28, p. 151-162, jan/jun. 2002.

\_\_\_\_\_. **Televisão e Educação: Fruir e pensar a TV.** 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

\_\_\_\_\_. **Trabalhar com Foucault: Arqueologia de uma paixão.** Belo Horizonte: Autêntica, 2012

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. 33 ed. Petrópolis: Vozes, 2007. Tradução de: Surveiller et punir.

\_\_\_\_\_. Aula do dia 17 de março de 1976 . In: \_\_\_\_\_. Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975 – 1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 285 - 315.

\_\_\_\_\_. **Segurança, Território e População**: curso no Collège de France (1977 – 1978). São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 73 - 116.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (org). **Corpo, Gênero e Sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 30-42.

GOMES, Ivan Marcelo; VAZ, Alexandre Fernandez; ASSMANN, Selvino José. Conselheiros Midiáticos: o “Caderno Equilíbrio” da Folha de São Paulo e suas ponderações na formação do indivíduo saudável. Movimento, Porto Alegre, v. 16, n. 04, p. 117-134, out./dez., 2010.

KNUTH, Alan Goularte; RIGO, Luiz Carlos. Desafios contemporâneos para a educação física: considerações sobre “medida certa” e a sociedade de controle. In: SANTOS, Rita de Cássia Grecco dos (org.). **Sociologia da Educação**: Debates contemporâneos e emergentes na formação de professores. Rio Grande: FURG, 2013.

LOVISOLO, Hugo. Em defesa do modelo JUBESA (Juventude, Beleza e Saúde). In: BAGRICHEVSKY, Marcos; PALMA, Alexandre; ESTEVÃO, Adriana (Org.). **A Saúde em Debate na Educação Física**. 2 vol. Blumenau: Nova Letra, 2006, p. 156-175.

LÜDORF, Sílvia Maria Agatti. Prática pedagógica do professor de Educação Física e o corpo de seus alunos: um estudo com professores Universitários. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 8, n. 2, p. 243-255, jul. 2005.

MELO, José Marques de Melo; TOSTA, Sandra Pereira. **Mídia e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MONTEIRO, Patrícia. Do Fenômeno e das formas: Operações discursivas entre corpo e cotidiano no quadro Medida Certa. **Culturas Midiáticas**, Paraíba, n. 9, ano 5, p. 1-15, jul. 2012.

OLIVEIRA, Alexandre Palma de; et al. Culto ao corpo e exposição de produtos na mídia especializada em estética e saúde. *Movimento*, Porto Alegre, v. 16, n. 01, p. 31-51, jan./mar., 2010.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. Cuidado de Si e Embelezamento Feminino: fragmentos para uma história do corpo no Brasil. In: \_\_\_\_\_(Org.). **Políticas do corpo**: elementos para uma história das práticas corporais. 2 ed. São Paulo: Estação liberdade, 2005. p. 121-139.

\_\_\_\_\_. **História da Beleza no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014.

SANTOLIN, Cezar Barboza. **O nascimento da obesidade**: um estudo genealógico do discurso patologizante. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2013.

SCLIAR, Moacyr. História do Conceito de Saúde. **PHYSIS Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.1, n. 17, p. 29-41, 2007.

SENNETT, Richard. **Carne e Pedra**: o corpo e a cidadania na civilização ocidental. Tradução de Marcos Aarão Reis. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2005. Tradução de Flesh and Stone.

SILVA, Jackson Ronie Sá; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**. Ano 1, n 1, jul. 2009.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **O que é, afinal, Estudos Culturais?**. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SOARES, Carmen Lúcia. **Imagens da Educação no Corpo**. 2 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

\_\_\_\_\_. A educação do corpo e o trabalho das aparências: O predomínio do olhar. In: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval et al. **Cartografia de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p.69-82.

SOUZA, Elizabethe Cristina Fagundes de; OLIVEIRA, Ângelo Giuseppe Roncali da Costa. O processo saúde-doença: do xamã ao cosmos. In: **ODONTOLOGIA Social**: textos selecionados. Natal, RN: Editora da UFRN, 1998.

VÁZQUEZ, Adolfo Sanchez. **Convite a Estética**. Tradução de Gilson Baptista Soares. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. Tradução de: Invitación a la Estética.

VIGARELLO, Georges. **História da Beleza**: O corpo e a arte de se embelezar, do Renascimento aos dias de hoje. Tradução de Léo Schlafman. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006. Tradução de: Histoire de la beauté.